

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS  
RELIGIÕES**

**A NATUREZA DO SER:**

**VISÃO ESPÍRITA**

**EDILMO VIEIRA DE CARVALHO**

**João Pessoa – Paraíba  
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS  
RELIGIÕES**

**EDILMO VIEIRA DE CARVALHO**

**A NATUREZA DO SER:**

**VISÃO ESPÍRITA**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa Estudo das Religiões, sob a orientação do Professor Dr. Severino Celestino da Silva**

**João Pessoa – Paraíba  
2011**

C331n *Carvalho, Edilmo Vieira de.*  
*A natureza do ser: visão espírita / Edilmo Vieira de Carvalho.-*  
*João Pessoa, 2011.*  
*92f.*  
*Orientador: Severino Celestino da Silva*  
*Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE*  
*1. Ciências das Religiões. 2. Ser. 3. Alma. 4. Espírito.*  
*5. Espiritismo. 6. Idealismo filosófico.*

UFPB/BC

CDU: 279.224(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

*“A NATUREZA DO SER: VISÃO ESPÍRITA”.*

**Edilmo Vieira de Carvalho**

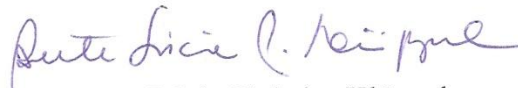
Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Dr. Severino Celestino da Silva  
Orientador



Prof. Dr. Manoel Matuzalém Sousa  
Membro



Profa. Drª. Berta Lúcia Pinheiro Klüppel  
Membro

## **Dedico**

**A minha alma gêmea Gracineide e ao meu  
filho Ian, espíritos que conquistaram  
sintonia e afinidades infindas em meu ser.**

## **AGRADEÇO**

**A permanente oportunidade de sentir a essência Divina iluminando o meu ser e o horizonte que devo ver e trilhar.**

**Ao Professor e Dr. Severino Celestino da Silva, que acreditou em minha idéia, concedendo-me a honra de sua orientação para esta dissertação, compartilhando suas experiências para um melhor trilhar na condução do tema.**

**A Professora e Dra. Neide Miele que, com o seu entusiasmo pelas Ciências das Religiões, nos contagiou para dedicar-se a área.**

**Aos professores em todas as áreas do conhecimento que estiveram nos conduzindo ao lidar com estudos e pesquisas no caminho das ciências.**

**Aos amigos e irmãos que, diretamente e indiretamente, muito contribuíram com suas presenças, meu respeito e gratidão.**

**A evolução dos mundos e das almas é regida pela Vontade Divina, que penetra e dirige toda a Natureza, mas a evolução física é uma simples preparação para a evolução psíquica e a ascensão das almas prossegue muito além da cadeia dos mundos materiais.**

**Léon Denis**

**O Ser desenvolve a si mesmo ao longo de bilhões de anos terra, aprendendo a administrar os recursos que absorve na sua relação com a natureza para ser co-criador em sintonia Divina.**

**Edilmo Vieira de Carvalho**



CARVALHO, Edílmo Vieira de. A NATUREZA DO SER: Visão Espírita. (Dissertação de Mestrado). 2011

### A Natureza do Ser: Visão Espírita

Ao longo da história da humanidade a análise acerca da Natureza do Ser tem sido conduzida entre alma (ou espírito), ser imaterial, e consciência resultante da matéria. Dos Gregos, na antiguidade, aos tempos atuais o debate tem sido efetuado entre o Idealismo Filosófico e o Materialismo Filosófico. A partir do século XIX passa-se a ter a contribuição do Espiritismo ao estudo. O objetivo da pesquisa foi examinar a natureza do ser sob a ótica dos filósofos adeptos do idealismo filosófico, materialismo filosófico e do Espiritismo. Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, considerando que é qualitativa, exploratória e bibliográfica visaram identificar a relação entre espírito e matéria, enquanto natureza do ser, na visão do Espiritismo. Segundo o Espiritismo o Universo tem uma planificação inteligente, em que todos os recursos são trabalhados em regime de co-criação, dos ínfimos seres, no início de sua evolução, até as potências Angélicas com o Senhor Supremo. O Espírito é o detentor da inteligência, a matéria é apenas instrumento.

Palavras chaves: ser – alma – espírito - espiritismo.

CARVALHO, Edilmo Vieira de. A NATUREZA DO SER: Visão Espírita. (Dissertação de Mestrado). 2011

### **Abstract**

#### The Nature of Being: Spirit Vision

Throughout history the analysis about the Nature of Being has been conducted between the soul (or spirit), to be immaterial, and the resulting awareness of the matter. Greeks in antiquity to modern times the debate has been made between philosophical idealism and philosophical materialism. From the nineteenth century is to have a contribution to the study of Spiritism. The purpose of this research was to examine the nature of being from the perspective of philosophers supporters of philosophical idealism, philosophical materialism and Spiritism. The methodological procedures adopted in the research, considering it is qualitative, exploratory and bibliographic aimed at identifying the relationship between spirit and matter, while the nature of being, in view of Spiritism. According to Spiritism the universe has an intelligent planning, where all resources are worked in co-creation of tiny beings, early in its evolution, to the angelic potencies to the Supreme Lord. The Spirit is the holder of intelligence, matter is only an instrument.

Keywords: being - soul – spirit - spiritism.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>IX</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>X</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>XI</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1. REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>23</b>
<b>1.1. IDEALISMO FILOSÓFICO .....</b>	<b>27</b>
1.1.1. PLATÃO E SÓCRATES .....	27
1.1.2. NEOPLATONISMO .....	29
1.1.3. DESCARTES .....	30
1.1.4. VOLTAIRE .....	32
1.1.5. KANT.....	34
<b>1.2. MATERIALISMO FILOSÓFICO .....</b>	<b>38</b>
<b>2. A NATUREZA DO SER .....</b>	<b>41</b>
<b>2.1. MATÉRIA .....</b>	<b>42</b>
2.1.1. MATÉRIA PESADA .....	43
2.1.2. MATÉRIA SUTIL .....	43
2.1.3. MATÉRIA DOS MUNDOS.....	43
2.1.4. GRADAÇÃO DE MATÉRIA .....	44
<b>2.2. ESPÍRITO.....</b>	<b>44</b>
2.2.1. NATUREZA DO ESPÍRITO .....	45
2.2.2. ORIGEM DO ESPÍRITO .....	45
2.2.3. FIM DO ESPÍRITO.....	46
2.2.4. ATRIBUTOS DO ESPÍRITO .....	46
2.2.5. GRADAÇÃO DO ESPÍRITO .....	47
<b>2.3. FLUIDO CÓSMICO .....</b>	<b>49</b>
2.3.1. CONCEITO.....	49
2.3.2. COMPOSIÇÃO E APLICAÇÃO.....	50
2.3.3. ENERGIA .....	50
<b>2.4. MENTE E CORPO.....</b>	<b>51</b>
2.4.1. A MENTE .....	51
2.4.2. CORPO ESPIRITUAL.....	56
2.4.3. CORPO FÍSICO .....	61
<b>2.5. O ESPÍRITO NO UNIVERSO .....</b>	<b>62</b>
2.5.1. PRINCÍPIOS NORTEADORES .....	64
2.5.2. CRITÉRIO DE APRENDIZADO .....	65

2.5.3.	O SER EM EVOLUÇÃO.....	66
2.5.4.	EVOLUÇÃO DOS MUNDOS.....	73
2.5.5.	REENCARNAÇÃO.....	75
2.5.6.	INTERCOMUNICAÇÃO.....	76
<b>2.6.</b>	<b>INTELIGÊNCIA SUPREMA.....</b>	<b>79</b>
<b>3.</b>	<b>DISCUSSÃO.....</b>	<b>82</b>
	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>89</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>

---

## **INTRODUÇÃO**

---

## INTRODUÇÃO

Desde criança que a busca de entendimento pelo desconhecido era a tônica do comportamento curioso, saber como cada peça e objeto eram organizados e para aqueles que tivessem uma funcionalidade sempre estava a buscar as explicações dadas, principalmente nas enciclopédias e nos livros das minhas irmãs, que eram bem mais adiantadas nos estudos. A curiosidade levou-me a buscar conhecimentos de matemática, química, física, eletrônica ainda estando no antigo ginásio, quando, na verdade eram assuntos do científico. Portanto, muito cedo, passei a lidar com conhecimentos que os que estavam a minha volta não entendiam, não podendo acrescentar maiores explicações para o que eu entendia do estudado. Uma curiosidade infinda levava-me a buscar de todo modo como é o meu ser. Passei a estudar, também, biologia, um pouco de anatomia e fisiologia. Em nenhuma destas fontes encontrei como é pensar. Quando iniciei no Curso de Direito tive contato pela primeira vez com disciplinas como Filosofia do Direito e Sociologia Jurídica. O modo de ver o mundo até então era por explicações físicas, químicas, biológicas e matemática. Apesar de ser um conhecimento milenar a filosofia chegava para mim somente após instalada as concepções da ciência. Outro modo de pensar. Pouco a pouco pude ver que a natureza do ser na filosofia é estudada e que subsidia o conhecimento das outras áreas.

Estudar a natureza do ser, estudando a concepção que é apresentada pela Filosofia Espírita comparando com o que é apresentado pela Filosofia Idealista e a Materialista passou a ser o meu interesse, tomando como referência de estudo as ciências das Religiões.

Os filósofos, desde a antiguidade, fazem reflexões sobre a concepção do mundo sempre girando em torno da questão fundamental de qual a composição do Universo. Os elementos Deus, espírito e matéria foram os que sempre estiveram em discussão. As correntes filosóficas, ao longo dos tempos, estiveram construindo concepções que envolviam sempre um ou mais destes elementos. A prevalência de um sobre os outros, definindo que a existência dos outros é secundária, ou, que somente um deles é real é o

Monismo. Quando são considerados dois elementos equivalendo na constituição do Universo temos o Dualismo.

O Monismo filosófico (SCHAFFER, 2008) pode ser apresentado por quatro tipos: 1. Idealismo, fenomenismo, ou Monismo mentalista que sustenta que só a mente é real; 2. Monismo neutro, que sustenta que tanto o mental quanto o físico podem ser reduzidos a uma espécie de terceira substância, ou energia; 3. Fisicalismo ou materialismo, o qual afirma que só o físico ou a matéria é real, e que o mental pode ser reduzido para o físico; 4. Gnosiologia holística, que afirma que só uma abordagem global da realidade, por meio de um conhecimento global, é capaz de obter a verdade.

No dualismo a afirmação prevalente ao longo dos séculos tem sido de que os dois elementos constitutivos são a matéria e o espírito, partindo-se de que este último é de natureza imaterial, daí resulta no grande conflito, como um elemento imaterial interage com a matéria, e vice-versa?

Tanto o monismo quanto o dualismo passaram a fazer parte das fundamentações teóricas das ciências e das bases de explicações das religiões.

O naturalismo metafísico, conforme Peter van Inwagen (VAN INWAGEN, 2010) caracteriza-se como cosmovisão em que a realidade é tal que não há nada mais que as coisas, as causas e as forças naturais que são objetos de estudo das ciências naturais, ou seja, as coisas, as causas e as forças são condições suficientes para ser entendido o ambiente físico e que apresentam propriedades mecânicas favoráveis à modelagem matemática. No naturalismo metafísico os conceitos relacionados à consciência ou a mente referem-se a entidades que são redutíveis ou sobrevêm sobre as coisas, forças e causas naturais, rejeitando a existência objetiva de qualquer coisa, força ou causa sobrenatural, como são descritos por várias religiões. Ainda afirma que metafísica investiga os princípios da realidade que transcende os de qualquer ciência particular, implicando em juízo de valor sobre a realidade, por exemplo: se entidades sobrenaturais existem ou não; se a ética é objetiva, subjetiva ou algo totalmente diferente; e, se refere a uma crença sobre a totalidade do que existe.

O naturalismo metafísico pode ser separado em duas categorias gerais, o fisicalismo e o pluralismo. O fisicalismo implica na afirmação de que tudo o que foi e que pode ser observado na natureza é produto da interação matéria-energia que segue as leis naturais da física, no espaço-tempo e, portanto, não é razoável (em) acreditar que exista

qualquer coisa como uma divindade criadora. O pluralismo, além da matéria-energia no espaço-tempo, acrescenta conclusões metafísicas em torno de objetos abstratos como mente e alma (STOLJAR, 2009).

Afirma Peter van Inwagen (VAN INWAGEN, 2010) que antes do desenvolvimento da ciência moderna foram abordadas questões científicas como parte da metafísica, conhecida como “filosofia natural”. Que o termo “ciência” significa “conhecimento”, da origem epistemológica. No entanto, o método científico fez uma filosofia natural empírica e experimental, que até o final do século XVIII passou a ser chamado de “ciência” para haver a distinção da filosofia. Que posteriormente à metafísica tornou-se o pensamento filosófico de um caráter não empírico sobre a natureza da existência. E afirma, ainda, que segundo Aristóteles o primeiro conhecido metafísico foi Thales. Para este o cosmos tinha uma estrutura harmônica e, portanto, estava sujeito a compreensão racional. Que Parmênides de Eléia considerou que a multiplicidade das coisas existentes e suas formas em mudança e movimento, são apenas uma aparência de uma única realidade eterna, dando assim origem ao princípio de Parmênides de que “tudo é um”. Por ter introduzido o método de fundamentar afirmações sobre aparições em um conceito lógico do Ser, ele é considerado um dos fundadores da metafísica. Que Aristóteles chama a metafísica de “filosofia primeira”. Que a Metafísica de Aristóteles foi dividida em três partes, que agora são consideradas como os ramos adequados da tradicional metafísica ocidental: 1. Ontologia – O estudo da existência; inclui a definição e classificação de entidades, física ou mental, a natureza de suas propriedades, bem como a natureza da mudança; 2. Teologia Natural – O estudo de um Deus; envolve muitos temas, incluindo entre outros, a natureza da religião e do mundo, a existência do divino, perguntas sobre a criação, e as numerosas questões sobre o religioso ou o espiritual, que dizem respeito à humanidade em geral; 3. Ciência Universal – O estudo dos primeiros princípios, que Aristóteles acreditava ser o fundamento de todas as outras perguntas.

Afirma ainda que a Metafísica como uma disciplina foi parte central da investigação e da educação acadêmica mesmo antes de Aristóteles, e, seus temas foram considerados menos importantes do que os outros considerados principais como: ciência física, medicina, matemática, poética e música. Durante o século XVII, no início da filosofia moderna, problemas que originalmente não eram considerados do âmbito da metafísica foram adicionados à sua competência, enquanto temas que por séculos fossem



considerados como metafísicos foram para as suas próprias regiões distintas na filosofia, como filosofia da religião, filosofia da mente, filosofia da percepção, filosofia da linguagem e filosofia da ciência. Em alguns casos os estudos metafísicos foram destinados inteiramente para as ciências físicas e naturais, tornando-se parte da Física, como a Teoria da Relatividade de Albert Einstein.

E que a natureza da mente e da matéria era um problema em si mesmo na filosofia inicial. O próprio Aristóteles introduziu a idéia da matéria para o mundo ocidental, adaptando o termo *hyle* que originalmente significava madeira, iniciando, assim, debates na identificação de um único princípio subjacente. A água era reivindicada por Thales, o Ar por Anaxímenes, *Apeiron* (o ilimitado) por Anaximandro, o fogo por Heráclito. Demócrito em conjugação com o seu mentor Leucipo concebeu uma teoria atômica muitos séculos antes que fosse aceito pela ciência moderna.

Diz Paul Vincent Spade (SPADE, 2010) que na idade média oriental principalmente a partir do século V, os pensadores cristãos sentiram que teriam de aprofundar a fé para harmonizá-la com as exigências do pensamento filosófico. A filosofia notadamente clássica e helenística, desse modo, foi recebendo influências da cultura judaica e cristã, passando a tratar de temas que antes não faziam parte do universo do pensamento grego, tais como: “fé”, “salvação” e “Providência e Revelação Divina”. E, que o pensamento filosófico medieval teve a harmonização entre “a fé” e “a razão” como questão essencial. O pensamento de Agostinho, no século V, reconhecia a importância do conhecimento, mas defendia uma subordinação maior da razão em relação à fé, por crer que esta última venha restaurar a condição decaída da razão humana. Tomás de Aquino admitindo a subordinação da razão à fé, faz à defesa de maior autonomia da razão, procurando desse modo à harmonia entre fé e razão. Disse que a teologia é um guia orientador da filosofia, que estão em harmonia porque foram criadas por Deus, que se alguma filosofia entrar em conflito com a teologia, cometeu algum erro e desse modo deve o filósofo voltar atrás e corrigir o seu erro. Que o pensamento medieval é caracterizado: pelo uso da lógica, da dialética e da análise para descobrir a verdade; pelo respeito ao conhecimento dos antigos filósofos e consideração à sua autoridade; e, pela obrigação de conciliar os conhecimentos na filosofia com a transmissão teológica e a revelação, sendo esta a mais importante.

Afirma, ainda, que no início da idade média, com a queda do Império Romano do Ocidente a única instituição que se manteve de pé foi a Igreja Católica, que conservou através da vida monástica o que restou da força intelectual, eram os homens instruídos desses séculos, clérigos que os estudos dos conhecimentos naturais eram uma pequena parte de sua escolaridade, viviam numa atmosfera que dava prioridade à fé e dedicavam-se mais aos estudos para a salvação das almas do que para os questionamentos de detalhes do universo físico. Que as transformações profundas ocorrem nos séculos XI e XII de renascimento urbano e comercial, ampliação de culturas e fronteiras agrícolas, crescimento econômico, desenvolvimento intelectual e grandes transformações tecnológicas, são fundadas as primeiras universidades: Paris, Coimbra, Bolonha e Oxford, que favoreceu o movimento de tradução de documentos em línguas árabe e grega, tornando o conhecimento do mundo antigo novamente disponível para a Europa, possibilitando um grande progresso em conhecimentos como a Astronomia, a Matemática, a Biologia e a Medicina. Que a visão na Europa em torno do mundo dominante por volta de 1500 era a de desenvolvimento natural e espontâneo de pessoas que viviam em comunidades pequenas e coesas, e vivenciavam a natureza caracterizada pela interdependência dos fenômenos espirituais e materiais e pela subordinação das necessidades individuais às da comunidade. A característica da ciência medieval é basear-se na razão e na fé, e sua principal finalidade era compreender o significado das coisas e não exercer a predição ou o controle da história.

A filosofia do século XVII no ocidente é considerada como ponto de partida para a filosofia moderna, e como libertadora do enfoque medieval, especialmente da escolástica.

Immanuel Kant (Apud SILVEIRA, 2002) classificou os seus predecessores em duas escolas: os Racionalistas e os Empiristas e, no início a Filosofia Moderna é caracterizada quanto ao suposto conflito entre essas escolas, classificação esta que continuou sendo usada até os dias de hoje, especialmente quando se escreve sobre os séculos XVII e XVIII. Os três principais Racionalistas normalmente considerados, são René Descartes, Baruch Spinoza e Gottfried Leibniz. Os três principais Empiristas foram John Locke, George Berkeley e David Hume influenciados por seus predecessores ingleses Francis Bacon e Thomas Hobbes. Os Racionalistas admitiam que apenas pelo poder da nossa razão, em princípio, todo o conhecimento pode ser adquirido; os Empiristas rejeitaram isto, acreditando que todo o conhecimento procede da experiência através dos

sentidos, desse modo, os Racionalistas tomaram a matemática como o seu modelo de conhecimento e os Empiristas, a física.

O movimento intelectual que colocou a razão como instrumento para a elaboração de um sistema consistente sobre estética, ética, governo, e lógica, permitindo aos filósofos obterem conhecimentos objetivos sobre o Universo, é o Iluminismo. Os pensadores do iluminismo, inspirados na revolução promovida pela mecânica newtoniana, argumentaram que em todas as atividades humanas o mesmo pensamento sistemático poderia ser aplicado, considerando, ainda, que ambos, o iluminismo e a revolução científica priorizaram o empirismo, a razão, a ciência e a racionalidade (SILVEIRA, 2002).

Os trabalhos de filósofos como Immanuel Kant e Jean-Jacques Rousseau, do iluminismo no século XVIII, influenciaram a nova geração de pensadores, e suas concepções ultrapassaram as fronteiras da sua época.

Durante o século XIX algumas doutrinas filosóficas tomaram destaque, como o idealismo e o materialismo, e outras surgem como o positivismo e o espiritismo, todas sob forte influência dos pensadores do racionalismo e do empirismo.

O Espiritismo surge no século XIX com uma característica peculiar, como afirma Allan Kardec (KARDEC, 2003, p. 28 e 29), *“Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica”*, afirma que é revelação divina *“porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem”* e, que é revelação científica, pois *“procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental”* e

por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações (KARDEC, 2003, p. 28 e 29).

Deixando claro que a elaboração do Espiritismo é fruto do trabalho do homem e, que este, quando

fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às

causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram *a posteriori* confirmar a teoria: a teoria é que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação (KARDEC, 2003, p. 29).

É uma doutrina de construção híbrida, ou seja, construída em conjunto através do intercâmbio de seres corpóreos e extra-corpóreos sob investigação e controle científico realizado por Allan Kardec (KARDEC, 2003), admitindo este que “as ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas”.

Sendo, desse modo, a natureza do ser inteligente e sua espiritualidade estudadas cientificamente pelo espiritismo.

Durante os últimos cem anos a metafísica dominante tem sido, sem dúvida, monismo materialista, tipo teoria da identidade, funcionalismo, fisicalismo redutivo, fisicalismo não-redutor, materialismo eliminatório, monismo anômalo, dualismo de propriedade, epifenomenalismo que são apenas alguns dos candidatos levados a conta como informação científica da mente.

A visão de mundo sempre foi bastante questionada, trazendo nos últimos séculos acentuada discussão sobre a mente e a matéria, se são independentes entre si ou se a mente é apenas produto da matéria. Este tema, como foi visto, tem determinado a fronteira entre ciência e espiritualidade ao longo dos séculos, daí ser feito o estudo das linhas gerais do Idealismo Filosófico, do Materialismo Filosófico e do Espiritismo, quanto à natureza do ser na visão que apresentam.

O Tema a ser estudado é: A NATUREZA DO SER: Visão espírita, na linha de pesquisa Religião, Cultura e Produções Simbólicas.

O tema foi escolhido porque acreditamos que a pesquisa proporcionará a visualização de horizontes de conhecimentos que contribuirão para estudos e pesquisas em campos onde tradicionalmente é definido como área exclusiva da religião, o espírito, ou da ciência, a matéria; que levarão compreensão acerca da natureza do ser; que abrirá

possibilidades de desenvolvimento científico e tecnológico visando à saúde e o bem estar do ser humano.

Objetivo Geral:

- Examinar a natureza do ser sob a ótica dos filósofos adeptos do Idealismo Filosófico, Materialismo Filosófico e do Espiritismo.

Objetivos Específicos:

- Analisar a relação matéria e espírito na visão do Idealismo, do Materialismo Filosófico;
- Analisar a relação matéria e espírito na visão do Espiritismo;

A pesquisa está apresentada em dois capítulos além da introdução e das considerações finais.

O Capítulo 1, que tem como título, Revisão de Literatura, contém considerações iniciais, Idealismo Filosófico, Materialismo Filosófico.

O Capítulo 2, que tem como título, A Natureza do Ser, contém: considerações iniciais; Matéria; Espírito; Fluido Cósmico; Mente e corpo; O Espírito no Universo; e, Inteligência Suprema.

O Capítulo 3 trata das discussões sobre os conceitos dos autores.

Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa visaram identificar a relação entre espírito e matéria, enquanto natureza do ser, na visão do Espiritismo, tomando como referencial de análise o que o Idealismo Filosófico e o Materialismo Filosófico têm desenvolvido e, considerando que há um vínculo indissociável entre o mundo real e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números (SILVA, 2001) a presente pesquisa é qualitativa, exploratória e bibliográfica.

---

**CAPÍTULO I**  
**REVISÃO DA LITERATURA**

---

## 1. REVISÃO DA LITERATURA

De maneira que esse eu, ou seja, a alma, por causa da qual sou o que sou, é completamente distinta do corpo e, também, que é mais fácil de conhecer do que ele e, mesmo que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é (DESCARTES, 2001).

A distinção entre alma e corpo foi formulada por Descartes que, com sua doutrina filosófica, abriu claramente a grande discussão entre monismo e dualismo no período moderno. Esta discussão filosófica vem nortear o surgimento das ciências, pois as duas correntes passam a partir daí a promoverem estudos utilizando metodologias apropriadas para se fazer pesquisas quer sejam fundamentadas no empirismo, quer sejam no racionalismo. O empirismo valoriza o conhecimento a partir da experiência do mundo exterior realizada através da impressão dos sentidos. O racionalismo valoriza o conhecimento no mundo das idéias, mundo interior, tomando como balizamento a razão:

Inexiste no mundo coisa mais bem distribuída que o bom senso, visto que cada indivíduo acredita ser tão bem provido dele que mesmo os mais difíceis de satisfazer em qualquer outro aspecto não costumam desejar possuí-lo mais do que já possuem. E é improvável que todos se enganem a esse respeito; mas isso é antes uma prova de que o poder de julgar de forma correta e discernir entre o verdadeiro e o falso, que é justamente o que é denominado bom senso ou razão, é igual em todos os homens; e, assim sendo, de que a diversidade de nossas opiniões não se origina do fato de serem alguns mais racionais que outros, mas apenas de dirigirmos nossos pensamentos por caminhos diferentes e não considerarmos as mesmas coisas (DESCARTES, 2001).

O debate passa por questão fundamental quanto à natureza do ser, se este é constituído apenas de matéria ou além desta, também há a alma. Descartes diz: “esse eu, ou seja, a alma” e, continua a sua afirmativa: “é completamente distinta do corpo”. No discurso do método o filósofo deixa clara a sua posição de que para ele há a dualidade corpo e alma, ou seja, que ambos são distintos. A oposição a esta afirmação é de que há apenas o corpo, e que a mente é produto da organização fisiológica, sistema nervoso central, sendo resultante específica da funcionalidade do cérebro.

Outro aspecto da discussão é sobre a capacidade de observar um fenômeno físico e se é possível observar uma idéia, um sentimento ou uma emoção, e estabelecer uma relação entre observação e mensuração, que passa pela avaliação dos estudos da filosofia e da ciência na atualidade, Russell (RUSSELL, 2005) diz que

Existe no mundo algum conhecimento tão certo que nenhum homem razoável possa dele duvidar? Esta questão, que à primeira vista poderia não parecer difícil, é, na realidade, uma das mais difíceis que podemos fazer. **Quando tivermos compreendido os obstáculos na direção de uma resposta clara e segura, estaremos bem encaminhados no estudo da filosofia** - pois a

filosofia é simplesmente a tentativa de responder a estas questões fundamentais, não de uma forma descuidada e dogmática, como fazemos na vida cotidiana e mesmo nas ciências, mas de uma maneira crítica, após examinar tudo o que torna estas questões intrincadas, e após compreender tudo o que há de vago e confuso no fundo de nossas idéias habituais (grifo nosso).

E, que a compreensão dos obstáculos que nos impedem à obtenção de uma resposta clara e segura através de uma maneira crítica, após o exame de tudo que torna estas questões intrincadas e, após compreender tudo o que há de vago e confuso no fundo de nossas idéias habituais é o que faz a filosofia, Russel (RUSSELL, 2005) diz que

*é possível*, sem dúvida, que todas ou algumas de nossas crenças possam estar erradas, e, por conseguinte, todas devem ser mantidas no mínimo com um ligeiro elemento de dúvida. Mas não podemos ter *razão* para rejeitar uma crença a não ser na base de uma outra crença. Por isso, ao organizar nossas crenças instintivas e suas conseqüências, ao considerar qual dentre elas é mais aceitável, e, se necessário, modificá-la ou abandoná-la, podemos alcançar, na base de aceitar como nosso único dado aquilo que instintivamente acreditamos, uma organização sistemática e ordenada de nosso conhecimento. **Nesta organização sistemática, embora a possibilidade do erro permaneça, sua probabilidade diminui mediante as relações recíprocas das partes e mediante o exame crítico que precedeu sua aceitação** (RUSSELL, 2005).

O autor acrescenta, ainda, que

A filosofia pode cumprir, pelo menos, esta função. A maioria dos filósofos acredita, com razão ou não, que a filosofia pode fazer muito mais do que isso – **que ela pode nos dar conhecimento, não acessível de outro modo, sobre o universo como um todo e sobre a natureza da realidade última**. Se este é o caso ou não, a função mais modesta de que temos falado pode certamente ser realizada pela filosofia. E isto basta, com efeito, para os que começaram duvidando da adequação do senso comum, para justificar o trabalho árduo e difícil que os problemas filosóficos envolvem.

Quanto à natureza da matéria e as propriedades da mesma, Russell, ainda, comenta:

Qual é a natureza desta mesa real, que persiste independentemente da percepção que tenho dela?

Para esta questão a física dá uma resposta, bastante incompleta na verdade, e em parte ainda muito hipotética, mas, contudo, dentro de seus limites, merecedora de respeito. A física, mais ou menos inconscientemente, tem adotado a concepção de que todos os fenômenos devem ser reduzidos a movimentos. A luz, o calor e o som são todos devidos a movimentos ondulatórios que passam do corpo que os emite para a pessoa que vê a luz, sente o calor ou que ouve o som. Aquilo que tem movimento ondulatório é o éter ou a “matéria bruta”, mas em ambos os casos é o que o filósofo denominaria de matéria. As **únicas propriedades** que a ciência atribui à matéria são: **posição no espaço e capacidade de movimento** segundo as leis do movimento. **A ciência não nega que a matéria possa ter outras propriedades**, mas se as têm, estas outras propriedades não são úteis ao homem de ciência, e de maneira alguma o auxilia na explicação dos fenômenos (grifo nosso).



Para Russell não há um conceito claro e completo acerca da matéria, há propriedades estudadas que são úteis para as ciências que aplicam as mesmas. Porém,

a filosofia, como todos os outros estudos, visa em primeiro lugar o conhecimento. O conhecimento que ela tem em vista é o tipo de conhecimento que confere unidade sistemática ao corpo das ciências, bem como o que resulta de um exame crítico dos fundamentos de nossas convicções, de nossos preconceitos e de nossas crenças. Mas não se pode dizer, no entanto, que a filosofia tenha tido algum grande êxito na sua tentativa de fornecer respostas definitivas a seus problemas. Se perguntarmos a um matemático, a um mineralogista, a um historiador ou a qualquer outro cientista, que definido corpo de verdades foi estabelecido pela sua ciência, sua resposta durará tanto tempo quanto estivermos dispostos a lhe dar ouvidos. Mas se fizermos essa mesma pergunta a um filósofo, ele terá que confessar, se for sincero, que a filosofia não tem alcançado resultados positivos tais como tem sido alcançados por outras ciências. **É verdade que isso se explica, em parte, pelo fato de que, mal se torna possível um conhecimento preciso naquilo que diz respeito a determinado assunto, este assunto deixa de ser chamado de filosofia, e torna-se uma ciência especial.** Todo o estudo dos corpos celestes, que hoje pertence à Astronomia, se incluía outrora na filosofia; a grande obra de Newton tem por título: *Princípios matemáticos da filosofia natural*. De maneira semelhante, o estudo da mente humana, que era uma parte da filosofia, está hoje separado da filosofia e tornou-se a ciência da psicologia. Assim, em grande medida, a incerteza da filosofia é mais aparente do que real: **aquelas questões para as quais já se tem respostas positivas vão sendo colocadas nas ciências, ao passo que aquelas para as quais não foi encontrada até o presente nenhuma resposta exata, continuam a constituir esse resíduo, que é chamado de filosofia** (grifo nosso).

Vê-se que, de acordo com a questão cuidada, se já alcançou objetividade vão sendo colocadas nas ciências e enquanto não se obtém resposta exata o assunto é tratado na filosofia. Vejamos a reflexão realizada por Bertrand Russell:

Tem o universo alguma **unidade de plano ou de propósito**, ou é um concurso fortuito de átomos? É a **consciência uma parte permanente do universo**, dando-nos esperança de um aumento indefinido da sabedoria, ou ela não passa de um acidente transitório num pequeno planeta no qual a vida acabará por se tornar impossível? São o bem e o mal importantes para o universo ou apenas para o homem? Estes são problemas colocados pela filosofia, e respondidos de diversas maneiras por vários filósofos. Mas parece que, quer seja, ou não seja possível, descobrir de algum modo respostas, nenhuma das respostas sugeridas pela filosofia pode ser demonstrada como verdadeira. E, no entanto, por fraca que seja a esperança de vir a descobrir uma resposta, é parte do papel da filosofia continuar a examinar tais questões, tornar-nos conscientes da sua importância, examinar todas as suas abordagens, mantendo vivo o interesse especulativo pelo universo, que correríamos o risco de deixar morrer se nos limitássemos aos conhecimentos claramente verificáveis.

Tratando-se de ciência vejamos o que diz Popper (POPPER, 2007),

continuo a considerar que a primeira tarefa do conhecimento é a de elaborar um *conceito de ciência empírica*, de maneira a tornar tão definida quanto possível uma terminologia até agora algo incerta, e de modo a traçar uma clara linha de demarcação entre Ciência e idéias metafísicas – ainda que essas idéias possam ter favorecido o avanço da Ciência através de sua história.

Com clareza ele delimita bem o âmbito da ciência dizendo que

o sistema que se denomina “ciência empírica” pretende representar apenas *um* mundo: o “mundo real”, ou o “mundo de nossa experiência”.

Dáí fornece elementos do sistema teórico que deve atender para representar apenas o mundo de nossa experiência.

A fim de tornar a idéia um pouco mais precisa, podemos distinguir três itens que nosso sistema teórico deverá satisfazer. Em primeiro lugar, ele deve ser *sintético*, de modo que possa representar um mundo não contraditório, isto é, um mundo *possível*. Em segundo lugar deve satisfazer o critério de demarcação, ou seja, deve ser não metafísico, isto é, deve representar um mundo de *experiência* possível. Em terceiro lugar, deve ser diferente, de alguma forma, de outros sistemas semelhantes como o único representativo de *nosso* mundo de experiência.

Esta é a visão apresentada por ele de como tratar uma experiência do âmbito da “ciência empírica” e diz que “a “experiência”, neste caso, apresenta-se como um *método* peculiar por via do qual é possível distinguir um sistema teórico de outros”. Já Bunge (BUNGE, 1980) diz que “o método científico não é, nem mais nem menos, senão *a maneira de fazer boa ciência*, natural ou social, pura ou aplicada, formal ou factual. E essa maneira pode ser adotada em campos que antes não eram científicos, mas que se caracterizam como a ciência, pela procura de normas gerais.

Quando se trata de religião Durkheim (DURKHEIM, 1996) diz que “uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”. E esclarece que

na maioria das vezes, os teóricos que procuraram exprimir a religião em termos racionais viram nela, antes de tudo, um sistema de idéias que correspondia a um objeto determinado. Esse objeto foi concebido de diferentes maneiras: natureza, infinito, incognoscível, ideal, etc. Mas essas diferenças pouco importam. **Em todos os casos, as representações, as crenças é que eram consideradas como o elemento essencial da religião.** Quanto aos ritos, eles se afiguravam apenas, desse ponto de vista, como uma tradução exterior, contingente e material desses estados internos que seriam os únicos a ter um valor intrínseco (grifo nosso).

Quanto ao estudo do fenômeno religioso diz ainda que

se o cientista estabelece como axioma que as sensações de calor ou de luz que os homens experimentam correspondem a uma causa objetiva, disso não irá concluir que esta seja tal como aparece aos sentidos. Assim também, embora não sendo imaginárias, as impressões sentidas pelos fiéis não constituem intuições privilegiadas; não há nenhuma razão para pensar que nos informam melhor sobre a natureza de seu objeto que as sensações vulgares sobre a natureza dos corpos e de suas propriedades. Portanto, para descobrir em que consiste esse objeto, é preciso que elas sejam submetidas a uma elaboração análoga à que substituiu a representação sensível do mundo por uma representação científica e conceitual.

E levando em consideração ciência e religião Filoramo (FILORAMO, 1999) analisa a influência de ambas.

A religião, segundo Horton, difere da ciência pelo seu “personalismo” (leia-se: antropomorfismo), porquanto interpreta o mundo em termos humanos. Mas essa diferença, em sua opinião, tem pouco relevo e Horton levanta uma tese que pode ser resumida em três pontos: a) ambas, religião e ciência, entram na vida social com o objetivo de compensar aquelas carências cotidianas de explicação, de predição e práticas que se manifestam quando se confia só no senso comum; b) ambas desenvolvem essa função descrevendo os fenômenos cotidianos como manifestações de uma realidade oculta e subjacente; c) ambas constroem os esquemas explicativos dessa realidade oculta recorrendo a analogias com os vários aspectos da vida cotidiana.

O debate foi realizado ao longo dos séculos por doutrinas como o Idealismo filosófico; o materialismo filosófico e a partir do século XIX o positivismo.

### 1.1. IDEALISMO FILOSÓFICO

No Idealismo Filosófico vamos encontrar o estudo da mente, da alma independentes do corpo físico, matéria, e que pode interagir com esta. Vejamos a síntese dos estudos realizados por Platão, Sócrates, autores no Neoplatonismo, Descartes, Voltaire e Kant.

#### 1.1.1. PLATÃO E SÓCRATES

A discussão vem da antiguidade, vejamos o que diz Platão e Sócrates (PLATÃO, 2001):

No diálogo *Fedão*, Platão e Aristóteles expõem com clareza a dualidade alma e corpo, não somente a existência dos dois, como também a interdependência de ambos, no diálogo com Símiias diz:

IX - .....Que não será senão a separação entre a alma e o corpo? Morrer, então, consistirá em apartar-se da alma o corpo, ficando este reduzido a si mesmo e, por outro lado, em libertar-se do corpo a alma e isolar-se em si mesma? Ou será a morte outra coisa? (PLATÃO, 2001, p. 7).

Afirma claramente quanto a “separação entre alma e corpo” e reforça “aparta-se da alma o corpo” e “libertar-se do corpo a Alma”, deixando evidente a sua concepção de que os dois, alma e corpo, são distintos.

Cebete no diálogo com Aristóteles expressa o seu modo de pensar:

XXXVII - .... Essa imagem, quero crer, se aplica tanto à alma como ao corpo, e quem argumentasse desse modo com relação ao corpo, falaria com muito mais propriedade, a saber: que a alma é mais durável e o corpo mais fraco e transitório, pois fora acertado acrescentar que cada alma consome vários corpos, principalmente quando vive muitos anos. Se o corpo se escoa e se

deliquesce enquanto o homem vive, a alma retece de contínuo o que for consumido (PLATÃO, 2001, p. 31).

A sua concepção de relação entre a alma e o corpo, reflete a permanência da primeira e a transitoriedade do segundo, sendo a alma a responsável por reter o corpo à medida que este for consumido por se escoar e deliquescer. Está aí a idéia de que a alma no trabalho diário de uma longa vida consome vários corpos.

XXXVII - .... Forçoso será, por conseguinte, que, no instante de morrer, ainda esteja a alma com a última vestimenta por ela feita, só vindo a morrer antes da última.

Haverá a sucessão de corpos até um último, que não mais será renovado, chegando a morte, mostrando em seguida a dependência da organização vital biológica da presença da alma, ou seja, o corpo tem vida e é renovado enquanto a alma está presente.

XXXVII - .... Desaparecida a alma, mostra, de pronto, o corpo sua fraqueza natural e se desmancha pela putrefação.

Explicita que a alma para melhor apreender a verdade necessita de concentrar-se em si mesma, dispensando a companhia do corpo que contém a influência da vista, do ouvido, da dor ou do prazer.

X - .....Ora, a alma pensa melhor quando não tem nada disso a perturbá-la, nem a vista nem o ouvido, nem dor nem prazer de espécie alguma, e concentrada ao máximo em si mesma, dispensa a companhia do corpo, evitando tanto quanto possível qualquer comércio com ele, e esforça-se por apreender a verdade.

Vê-se claramente que para Sócrates a mente, como sede de inteligência e conhecimentos está na alma e não no corpo, vejamos:

XI - .....Por outro lado, ensina-nos a experiência que, se quisermos alcançar o conhecimento puro de alguma coisa, teremos de separar-nos do corpo e considerar apenas com a alma como as coisas são em si mesmas.

Sócrates procura demonstrar aos seus discípulos que a alma é imortal, como tudo a sua volta, e diz,

XV - ....Conforme antiga tradição, que ora me ocorre, as almas lá existentes foram daqui mesmo e para cá deverão voltar, renascendo os mortos.

Referindo-se sobre as idas para o mundo dos mortos e as vindas da alma para a vida física, renascendo dos mortos.

XVI - .....Desse modo, ficamos também de acordo que tanto os vivos provêm dos mortos como os mortos dos vivos. Sendo assim, quer parecer-me que apresentamos um argumento bastante forte para afirmar que as almas dos mortos terão necessariamente de estar em alguma parte, de onde voltam a viver.

Reforçando a sua tese de que a alma é imortal, que é o elemento principal, sendo secundário o corpo, pois para ele este é dependente da presença da alma. Sócrates explica que o conhecimento está na alma e que esta carrega consigo da vida para a morte e desta de volta para a vida. Fala da reminiscência, que seria a recordação de conhecimento já adquirido antes do nascer. Com o nascer há o esquecimento e quando passamos a estudar estamos a recuperar conhecimento já nosso.

XX – ..... Se, em verdade, segundo penso, antes de nascer já tínhamos tal conhecimento e o perdemos ao nascer, e depois, aplicando nossos sentidos a esses objetos, voltamos a adquirir o conhecimento que já possuíamos num tempo anterior: o que denominamos aprender não será a recuperação de um conhecimento muito nosso? E não estaremos empregando a expressão correta, se dermos a esse processo o nome de reminiscência?

Quando Critão questiona de como deveria sepultá-lo, Sócrates diz que ele está o confundindo com o seu corpo, pois que o que ele verá será o corpo morto.

LXIV - .....Empenhou, então, a palavra em como eu ficaria; por vossa vez, afirmai-lhe, que não ficarei depois de morto, porém sairei daqui e partirei, para que ele se mostre mais paciente e não se aflija tanto por minha causa, quando vir queimarem ou enterrarem meu corpo, no pressuposto de que eu esteja sofrendo enormemente, nem diga nos meus funerais que expõe Sócrates, ou o carrega, ou o sepulta. Fica sabendo, continuou, meu admirável Critão, que a imprecisão da linguagem, além de ser um defeito em si mesma, produz mal às almas.

Importa criares coragem e dizer que é meu corpo que vais enterrar; depois sepulta-o como te aprouver e como te parecer mais de acordo com as leis.

A concepção de Platão e Sócrates é dualista, pois para ele há o corpo e a alma, e que são distintos entre si, o destaque está no fato de que o corpo para existir depende da alma.

### 1.1.2. NEOPLATONISMO

Neoplatonismo (MOORE, 2010) é um termo moderno usado para designar o período de início da filosofia platônica com o trabalho de Plotino e termina com o fechamento da Academia platônica pelo Imperador Justiniano em 529 dC. Este tipo de platonismo, que é frequentemente descrito como "místico" ou de natureza religiosa, foi desenvolvido fora da corrente principal da academia platônica.

Plotino é considerado o fundador do Neoplatonismo. A partir de sua leitura de Platão desenvolveu uma cosmologia espiritual complexa que envolve três elementos fundamentais: o *Uno*, a *Nous* e a *Alma*. Segundo Plotino, Uno refere-se à Deus. Uno porque todos nós fazemos parte desse mesmo contexto, todos somos Deus e Deus somos nós. É uma forma de monismo idealista, também chamado de monismo teísta. *Nous*, termo

filosófico grego que não possui uma transcrição direta para a língua portuguesa, e que significa atividade do intelecto ou da razão em oposição aos sentidos materiais. Muitos autores atribuem como sinônimo à *Nous* os termos "Inteligência" ou "Pensamento". *Alma* é um termo que deriva do latim *Ānima*, refere-se ao princípio que dá movimento ao que é vivo, o que é animado ou o que faz mover, e que na filosofia e na religião, é definida como a parte espiritual do homem, que se julga continuar viva após a morte do corpo.

Além de sua cosmologia, Plotino também desenvolveu uma teoria original de senso-percepção e do conhecimento, baseada na idéia de que a mente desempenha um papel ativo na definição ou ordenação dos objetos de sua percepção, ao invés de passivamente receber os dados da experiência sensível.

A filosofia de Plotino é representada na coleção completa de seus tratados, recolhidos e editados por Porfírio seu aluno em seis livros de nove tratados cada um, sob o título do *Enéadas*.

Aí temos a solução apresentada pelo aspecto de que o universo é constituído de um único elemento e que é a expressão do pensamento do princípio que dá movimento e que é vida.

### 1.1.3. DESCARTES

Descartes colocou a si mesmo em uma missão na qual ele pôs todas as suas crenças anteriores em dúvida, a fim de descobrir do que ele poderia estar certo. Ao fazê-lo, descobriu que podia duvidar que tinha um corpo, mas não podia duvidar que tinha uma mente. Isso deu a Descartes seu primeiro vislumbre de que as coisas da mente e do corpo eram diferentes. A mente era uma coisa pensante e uma substância imaterial. Essa "coisa" era a essência de si mesmo, que duvida, crê, espera, e pensa. A distinção entre mente e corpo é o seguinte:

Perguntais aqui como demonstro que o corpo não pode pensar; mas perdoai-me se respondo que ainda não dei lugar a tal questão, tendo apenas começado a tratá-la na Meditação Sexta, pelas seguintes palavras: *É suficiente que eu possa clara e distintamente conceber uma coisa sem outra, para ser certo que uma é distinta ou diferente da outra etc. E pouco depois: Ainda que eu tenha um corpo que me seja mui estreitamente ligado, no entanto, porque, de um lado, possuo uma ideia clara e distinta de mim próprio, na medida em que sou apenas uma coisa que pensa, e não extensa, e que, de outro, possuo uma ideia clara e distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa, e que não pensa, é certo que eu, isto é, meu espírito, ou minha alma, pela qual sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo, e que pode ser ou existir sem ele. Ao que é fácil adicionar: Tudo o que pode pensar é espírito, ou se chama espírito. Mas como o corpo e o espírito são*

*realmente distintos, nenhum corpo é espírito.* Logo, nenhum corpo pode pensar (DESCARTES, 1994, p. 211).

Assim, argumenta Descartes, a mente, uma coisa que pensa, pode existir para além da extensão do seu corpo. E, portanto, a mente é uma substância distinta do corpo, uma substância cuja essência é o pensamento.

O argumento central do que é freqüentemente chamado *dualismo cartesiano* é que a mente imaterial e o corpo material, sendo ontologicamente substâncias distintas, interagem causalmente. Eventos mentais causam eventos físicos e vice-versa. Mas isso leva a um problema considerável para o dualismo cartesiano: Como pode uma coisa imaterial, a mente, intervir em um corpo material e vice-versa? Este tem sido freqüentemente chamado de "problema do interacionismo".

Descartes se esforçou para chegar a uma resposta possível para este problema. Em sua carta a Elisabeth da Boêmia, Princesa Palatina, ele sugeriu que os espíritos animais interagem com o corpo através da glândula pineal, uma pequena glândula no centro do cérebro, entre os dois hemisférios. No entanto, esta explicação não foi satisfatória: como uma mente imaterial pode interagir com a glândula pineal física? Pelo fato de a teoria de Descartes ser difícil de defender, alguns de seus discípulos, como Arnold Geulincx e Nicholas Malebranche, propuseram uma explicação diferente: que todas as interações mente-corpo exigem a intervenção direta de Deus. Segundo esses filósofos, os estados adequados de mente e corpo eram apenas as ocasiões de tal intervenção, não causas reais.

Descartes (DESCARTES, 2001) afirma que o conceito de uma forma substancial, como parte inteiramente do mundo físico, deriva de uma confusão de idéia a respeito da mente e do corpo. Esta confusão levou as pessoas a atribuírem, erroneamente, propriedades mentais como o conhecimento, a partir de coisas totalmente não-mentais, como pedras, plantas e, até mesmo os animais não-humanos. A distinção real entre mente e corpo pode também ser utilizada, para aliviar esta confusão e seus erros resultantes, como a demonstração de que os corpos existem e se movem e o fazem sem mentalidade e sem os tais princípios da causalidade mental, tais como metas, objetivos e o conhecimento e, que não têm nenhum papel a desempenhar na explicação de fenômenos físicos. Portanto, a distinção real entre mente e corpo também serve à extremidade mais cientificamente orientada para eliminar qualquer elemento de mentalidade a partir da idéia do corpo. Desta forma, uma compreensão clara da natureza geométrica dos corpos pode ser alcançada e melhor explicada.

De um lado, possuo uma ideia clara e distinta de mim próprio, na medida em que sou apenas uma coisa que pensa, e não extensa, e que, de outro, possuo uma ideia clara e distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa, e que não pensa, é certo que eu, isto é, meu espírito, ou minha alma, pela qual sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo, e que pode ser ou existir sem ele. (DESCARTES, 1994, p. 211).

Continua apresentando distinções entre mente e corpo, desta vez quanto a ser divisível ou indivisível, diz:

Para começar, pois, este exame, noto aqui, primeiramente, que há grande diferença entre espírito e corpo, pelo fato de ser o corpo por sua própria natureza sempre divisível e o espírito inteiramente indivisível. Pois, com efeito, quando considero meu espírito, isto é, eu mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa que pensa, não posso aí distinguir partes algumas, mas me concebo como uma coisa única e inteira. E, conquanto o espírito todo pareça estar unido ao corpo, todavia um pé, um braço ou qualquer outra parte estando separada do meu corpo, é certo que nem por isso haverá aí algo de subtraído a meu espírito (DESCARTES, 1994, p. 194-195).

A discussão relativa a interação mente e corpo passa pela análise de ser a primeira não material e o segundo material, portanto as oposições as teses de Descartes passaram pela questão de como algo imaterial pode agir sobre algo material e vice-versa.

Uma questão que se pode formular: O que fundamenta o argumento de que o corpo e a mente *poderiam* existir cada um sem o outro? Qual é a recompensa para passar por todos os problemas, os duradouros e todos os que dão origem? Para Descartes a recompensa é dupla. O primeiro é de natureza religiosa na medida em que fornece uma base racional para a esperança na imortalidade da alma, que pressupõe que a mente e a alma são mais ou menos a mesma coisa. O segundo é cientificamente orientado, pois parte da completa ausência de mente na natureza das coisas físicas sendo fundamental para dar lugar a versão de Descartes que é a da física mecanicista.

#### 1.1.4. VOLTAIRE

Alma é um termo vago, indeterminado, que expressa um princípio desconhecido, porém de efeitos conhecidos que sentimos em nós mesmos.

Faz no seu trabalho *A Alma* (VOLTAIRE, 2001) a análise da natureza da alma, vejamos a conceituação que apresenta:

No sentido próprio e literal do latim e das línguas que dele derivam, significa “o que anima”. Por isso se diz: A alma dos homens, dos animais e das plantas, para significar seu princípio de vegetação e de vida.

Ele apresenta a distinção feita pelos egípcios e a conceituação dos latinos.

De modo que a alma – em sentido geral– se toma pela origem e causa da vida, pela vida mesma. Por isto as nações antigas acreditaram durante muito tempo



que tudo morria ao morrer o corpo. Ainda é difícil desentranhar a verdade no caso das histórias remotas, há probabilidade que os egípcios tenham sido os primeiros que distinguiram a inteligência e a alma, e os gregos aprenderam com eles a distinção. Os latinos, seguindo o exemplo dos gregos, distinguiram animus e anima; e nós distinguimos também alma e inteligência. Porém o que constitui o princípio de nossa vida constitui o princípio de nossos pensamentos? São duas coisas diferentes, ou formam um mesmo princípio? O que nos faz digerir, o que nos produz sensações e nos dá memória, se parece ao que é causa nos animais da digestão, das sensações e da memória?

No **Dicionário Filosófico** (VOLTAIRE, 2001), nos traz os vários entendimentos a respeito da alma na antiguidade:

Os primeiros filósofos, quer caldeus, quer egípcios, disseram: forçoso é haver em nós algo que produza o pensamento; esse algo deve ser extremamente sutil: sopro, fogo, éter, substrato, um tênue simulacro, uma enteléquia, um número, uma harmonia. Finalmente, segundo o divino Platão, é um composto do mesmo e do outro. São átomos que pensam em nós, disse Epicuro depois de Demócrito. Mas, meu amigo, como pensa o átomo? Confessa que nem o imaginas.

Quanto à natureza da alma e o seu destino Voltaire não se arrisca a fazer afirmações, simplesmente diz:

Não nos atrevemos a questionar se a alma inteligente é espírito ou matéria; se foi criada antes que nós, se sai do nada quando nascemos; se depois de haver nos animado no mundo, vive, quando nós morremos, na eternidade. Essas questões que parecem sublimes, só são questões de cegos que perguntam a cegos: que é a luz?

Diante das afirmações de que a alma é matéria, questiona quanto à natureza da mesma:

Que é espírito? Ninguém sabe, é uma palavra tão vazia de sentido, que nos vemos obrigados a dizer que o espírito não se vê, porque não sabemos dizer o que é. A alma é matéria, dizem outros. Porém, o que é matéria? Só conhecemos algumas de suas aparências e algumas de suas propriedades; e nenhuma destas propriedades e aparências parece ter a menor relação com o pensamento.

Apresenta, ainda, no **Dicionário Filosófico** as mais variadas opiniões em torno de que substância é constituída a alma, quando é criada, onde se instala no corpo e em que momento isso ocorre, vejamos:

Um diz que a alma humana é parte da substância do próprio Deus. Outro que é parte do todo infinito. Terceiro que foi criada ab eterno. Quarto que foi feita e não criada. Outros afirmam que Deus a fabrica à proporção necessária, e que chegam no instante da cópula. Alojaram-se nos animáculos seminais, exclama este. Não, diz aquele, vão habitar as trompas de Fallopio. Todos vós estais errados, intervêm aquele outro: a alma espera seis semanas até que esteja formado o feto; então se acomoda na glândula pineal; se, porém, encontra um germe maligno, volta, a espera de melhor ocasião. A última opinião é que sua morada é no corpo caloso. É o local que lhe atribui La Peyronie. Era preciso ser primeiro cirurgião do rei de França para dispor assim do alojamento da alma.

Voltaire participa ativamente da discussão a cerca da natureza do ser se constituído de unidade ou de dualidade. Expressa a sua posição quanto à existência da alma distinta da matéria.

#### 1.1.5. KANT

Para Kant (KANT, 2003) as respostas relativas à questão da origem e da possibilidade do conhecimento eram insuficientes e problemáticas, tanto o *racionalismo*, que dominava no continente europeu, quanto o *empirismo* que na Ilha Britânica era hegemônico. Desenvolve a sua *teoria do conhecimento*, incrustada na sua obra *Crítica da razão pura* com o propósito de explicar como foi possível a produção científica da época.

O filósofo concentrou sua análise nas condições que possibilitaram o conhecimento científico. Já no início da *Crítica da razão pura* (1781), ele indica o caminho que iria percorrer:

Dúvida não há de que todo o nosso conhecimento principia pela experiência. Sem dúvida, que outro motivo poderia despertar e pôr em ação a nossa capacidade de conhecer senão as coisas que afetam os sentidos e que, de um lado, por si mesmas dão origem a representações e, de outro lado, movimentam nossa faculdade intelectual e levam-na a compará-las, ligá-las ou separá-las, transformando então a matéria bruta das impressões sensíveis num conhecimento que se denomina experiência? Dessa forma, na ordem do tempo, nenhum conhecimento precede em nós a experiência e é com esta que todo o conhecimento se principia.

Porém, se todo o conhecimento se principia com a experiência, isso não prova que todo ele derive da experiência. Nosso próprio conhecimento experimental bem poderia ser um composto do que recebemos por meio das impressões sensíveis e daquilo que a nossa própria capacidade de conhecer – apenas acionada por impressões sensíveis – produz por si mesma, acréscimo esse que não distinguimos dessa matéria-prima, enquanto a nossa atenção não despertar por um longo exercício que nos capacite a separá-los (KANT, 2003, p. 44).

Ele afirmou que, apesar da origem do conhecimento ser a experiência se alinhando aí com o *empirismo*, existem certas condições *a priori* para que as impressões sensíveis se convertam em conhecimento fazendo assim uma concessão ao *racionalismo*.

Se não começarmos pela experiência ou não prosseguirmos de acordo com as leis do encadeamento empírico dos fenômenos, por nada poderemos nos gabar de adivinhar e investigar a existência de qualquer coisa (KANT, 2003, p. 222).

A reflexão kantiana tentou mostrar que a dicotomia *empirismo/racionalismo* requer uma solução intermediária.

Ele denominou de *transcendental* o enfoque que procura determinar e analisar as condições *a priori* de todo o conhecimento que em geral se ocupa menos dos objetos, que

do nosso modo de conhecê-los. Um sistema de conceitos deste gênero deveria denominar-se filosofia transcendental (KANT, 2003, p. 58).

E quanto

no que se refere à convicção, à crença ou a validade subjetiva do juízo – que tem ao mesmo tempo uma validade objetiva – apresenta os três graus seguintes: opinião, fé e ciência. A opinião é uma crença que tem consciência de ser insuficiente, tanto subjetiva como objetivamente. Se tão-somente é subjetivamente suficiente a crença e, ao mesmo tempo, é considerada objetivamente insuficiente, denomina-se fé. Finalizando, a crença, tanto objetiva como subjetiva suficiente, recebe o nome de saber. A suficiência subjetiva designa-se por convicção – para mim mesmo. A suficiência objetiva, por certeza – para todos. A explicar conceitos tão claros não me deterei (KANT, 2003, p. 578).

No entanto no prefácio da segunda edição em 1787, no trabalho “Crítica da Razão Pura” diz “Tão só o resultado possibilita de imediato julgar se a elaboração dos conhecimentos pertencentes aos domínios próprios da razão segue ou não o caminho seguro da ciência”. A preocupação dele gira em torno do êxito da aquisição do conhecimento aplicando-se uma metodologia apropriada, do percurso a ser seguido e que

Após **exaustivos preparativos** e **prévias disposições**, se se cai em **dificuldade ao chegar à meta**, ou se, para a atingir, se volta atrás com frequência, tentando outros caminhos, isso mostra que se ainda não é possível alcançar **unanimidade** entre os diversos colaboradores, quanto ao modo como deverá prosseguir o trabalho comum, então poderemos ter certeza de que esse estudo está longe de ter seguido o **caminho seguro da ciência** (grifo nosso) (KANT, 2003, p. 25).

Para o filósofo o “*caminho seguro da ciência*” passa pela unanimidade quanto ao modo de realizar o trabalho, admitindo procedimentos de “*exaustivos preparativos*”, de “*prévias disposições*”, de poder voltar e tentar caminhos diferentes até que se conquiste um modo comum de realizar o trabalho da elaboração dos conhecimentos. Para ele,

obviamente, seria muito mais difícil para a razão seguir o caminho seguro da ciência, tendo de tratar não apenas de si, mas também de objetos (KANT, 2003, p. 26).

Tratando ele da lógica como disciplina propedêutica das ciências, pressupõe esta uma lógica para julgar os conhecimentos das ciências com propriedade e objetividade.

O que há de razão nestas ciências é algo que é conhecido *a priori*. Esse conhecimento de razão pode referir-se ao seu objeto de duas maneiras: pela simples determinação deste e do seu conceito – que deverá ser dado noutra parte – ou então realizando-o. O primeiro é o conhecimento teórico; o segundo, o conhecimento prático da razão. A parte pura em ambos, isto é, aquela em que a razão determina totalmente a priori o seu objeto, por muito ou pouco que contenha, deve ser exposta isoladamente, sem mistura com o que de outras fontes provém ... (KANT, 2003, p. 26).

Esclarece que a matemática, de uma maneira totalmente pura, e a física, parcialmente pura, por serem conhecimentos teóricos da razão devem determinar *a priori* o seu objetivo e que “desde os tempos mais primevos que a história da razão alcança, no fantástico povo grego, a matemática entrou na rota segura das ciências”. Fazendo referência ao ensaio de Francis Bacon (Apud KANT, 2003, p. 27) diz que só há século e meio desencadeou uma nova maneira de estudar os fenômenos naturais, esclarece que “ainda mais lenta em encontrar a estrada larga da ciência foi a física”. Afirma que os físicos “compreenderam que a razão só entende aquilo que produz segundo os seus próprios planos” e que

a razão tem de tomar a dianteira com princípios, que determinam os seus juízos segundo leis constantes e deve forçar a natureza a responder às suas interrogações em vez de se deixar guiar por esta (KANT, 2003, p. 28).

Que “*as observações feitas ao acaso, realizadas sem plano prévio, não se ordenam conforme a lei necessária, que a razão procura e de que necessita*”. E,

tendo por um lado os seus princípios, únicos a poderem atribuir aos fenômenos concordantes a autoridade de leis e, por outro, a experimentação, que imaginou segundo esses princípios, a razão deve ir ao encontro da natureza, para se por esta ensinada, é certo, mas não na qualidade de aluno que aceita tudo o que o mestre afirma, antes na de juiz investido nas suas funções, que obriga as testemunhas a responder aos quesitos que lhes apresenta. Dessa forma, a própria física tem de agradecer a revolução, tão proveitosa, do seu modo de pensar, unicamente à idéia de procurar na natureza – e não imaginar – de acordo com o que a razão nela pôs, o que nela deverá aprender e que por si só não alcançaria saber. **Foi assim que a física se aprumou no trilho certo da ciência, após tantos séculos de dúvida e passos no escuro** (grifo nosso) (KANT, 2003, p. 28).

Afirma ainda quanto “à metafísica o destino não foi até hoje tão favorável que lhe permitisse trilhar o caminho seguro da ciência” considerando o fato que “em verdade a razão sente-se constantemente embaraçada, mesmo quando quer conhecer *a priori* – como tem pretensão – as leis que a mais comum experiência confirma”. Ele diz que a metafísica precisa trilhar o caminho várias vezes para chegar a uma conquista e, mesmo assim, não é duradoura pois que “o seu método tem sido um mero caminhar no escuro e, pior ainda, um tateio entre simples conceitos apenas” admitindo-se nestas tentativas “que o nosso conhecimento se devia regular pelos objetos”. Propõe que aja inversão “admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento” admitindo ainda “que ou os conceitos se regulam também pelo objeto ou então os objetos regulam-se por esses conceitos e assim vejo um modo mais simples de sair do embaraço”. Assim,

sem dúvida, a própria experiência é uma forma de conhecimento que exige concurso do entendimento, cuja regra devo pressupor em mim antes de me

serem dados os objetos, por consequência, antecipadamente e essa regra é expressa em conceitos *a priori*, pelos quais têm de se regular necessariamente todos os objetos da experiência e com os quais devem concordar. No que se refere aos objetos, na medida em que são simplesmente pensados pela razão – e necessariamente – mas sem poderem – pelo menos tais como a razão os concebe – ser dados da experiência, todas as tentativas para os pensar – já que têm de poder ser pensados – serão, nesta seqüência, uma magnífica pedra de toque daquilo que consideramos ser a mudança de método na maneira de pensar, qual seja, que **só conhecemos *a priori* das coisas o que nós mesmos nela pomos** (grifo nosso) (KANT, 2003, p. 30).

Faz maiores esclarecimentos na nota de rodapé afirmando que quanto ao método proposto é

copiado do método dos físicos, este método consiste, todavia, em procurar os elementos da razão pura naquilo que se pode confirmar ou negar por experimentação. Eis que, para examinar as proposições da razão pura, principalmente quando ousam ultrapassar os limites da experiência possível, não se podem submeter à experimentação os seus objetos – como na física. Nesse sentido, só é viável dispor os conceitos e princípios admitidos *a priori*, de tal modo que esses objetos possam ser considerados de dois pontos de vista diferentes. De um lado, como objetos dos sentidos e do entendimento na experiência. De outro, como objetos que apenas são pensados, quer dizer, como objetos da razão pura isolada e que se esforça por transcender os limites da experiência. Ora, consideradas as coisas deste duplo ponto de vista, verifica-se concordância com o princípio da razão pura. Se encaradas de um só ponto de vista, surge inevitável o conflito da razão consigo própria. Em favor da justeza dessa distinção, decide a experiência (KANT, 2003, p. 30).

Admitindo que as coisas fossem impossíveis seguindo o método usado até então e que,

objetivamente, com a ajuda desta modificação do modo de pensar, pode-se muito bem explicar a possibilidade de um conhecimento antecipado e, o que é ainda mais, dotar de provas suficientes as leis que anteriormente fundamentam a natureza, tomada como conjunto de objetos da experiência (KANT, 2003, p. 30-31).

Trata-se na segunda parte da metafísica o resultado insólito e aparentemente desfavorável quanto a sua finalidade, extraído da sua primeira parte que trata da dedução da nossa capacidade de conhecimento *a priori*.

Em suma, que deste modo não podemos nunca ultrapassar os limites da experiência possível, o que é precisamente a questão mais essencial desta ciência. No entanto, a veracidade do resultado obtemos nesta primeira apreciação do nosso conhecimento racional *a priori* nos é dada pela contraprova da experimentação, pelo fato desse conhecimento apenas se referir a fenômenos e não às coisas em si que, conquanto reais em si mesmas, se mantêm para nós incognoscíveis (KANT, 2003, p. 31).

Em Kant iremos encontrar uma metafísica que considera a junção entre alma e corpo e diz que mesmo diante do conhecimento acerca da natureza insubstancial da alma, que são impossíveis de se colocar em uma demonstração empírica os mecanismos de junção com a matéria, por serem conceitos puros do entendimento, não sendo então

possível a ninguém efetuar uma verificação sistemática e universalizável acerca da junção entre alma e corpo.

## 1.2. MATERIALISMO FILOSÓFICO

A teoria do materialismo sustenta que a única coisa que existe é matéria, que todas as coisas são compostas de matéria e todos os fenômenos, incluindo a consciência, são o resultado de interações materiais. Em outras palavras, a matéria é a única substância, diz Augusto Triviños (TRIVIÑOS, 1987):

O Materialismo Filosófico apóia-se nas conclusões da ciência para explicar o mundo, o homem e a vida. Isto significa que não obstante os materialistas considerem a matéria o princípio primeiro e o espírito, a idéia, o aspecto secundário, suas concepções mudam de acordo com a evolução do pensamento científico. Desta maneira, por exemplo, as noções da matéria de Demócrito forma diferentes das de Einstein (TRIVIÑOS, 1987, p. 21).

Assim, o autor afirma que, para o materialismo, a matéria é o princípio primordial e que o espírito seria o aspecto secundário, sendo a consciência um produto da matéria agindo sobre a mesma.

O materialismo encontra suas raízes nos povos antigos do Oriente. Chineses, egípcios, babilônios e outros defendem uma concepção materialista do mundo. Com os gregos este tipo de explicação da natureza e da sociedade alcançou relevos sistemáticos. A Idade Média, que fez tudo para sepultar a ciência, especialmente a que surgia da criatividade espiritual dos árabes, apagou o desenvolvimento do materialismo. Mas logo, com a Renascença e os grandes avanços que se produziam na astronomia, navegação, artes e ciência, o materialismo dos pensadores gregos e romanos apresenta-se com nova força. A este vigor que mostra o materialismo, especialmente com o pensamento de Bacon e Hobbes, acrescentar-se-ão, em seguida, no século XVIII, as idéias dos enciclopedistas franceses (TRIVIÑOS, 1987, p. 21).

Ainda diz que “O progresso da ciência permitiu a Marx e Engels colocarem as bases do materialismo dialético e histórico que se constituiu sistematicamente após a metade do século XIX”. Afirma, ainda, que a concepção materialista do mundo teve fases e, “assim, é possível discriminar um materialismo ingênuo, um materialismo espontâneo, um materialismo mecanicista, um materialismo dialético”. Que o materialismo dialético foi o único que permaneceu evoluindo, pois

intelectual materialista dialético evolui em suas concepções com respeito ao mundo e ao homem, de acordo com as conquistas que concretizam o pensamento científico (TRIVIÑOS, 1987, p. 23).

Esclarece, também, que

o materialismo dialético apóia-se na ciência para configurar sua concepção de mundo. Resumidamente, podemos dizer que o materialismo dialético reconhece como essência do mundo a matéria que, de acordo com as leis do movimento, se transforma, que a matéria é anterior à consciência e que a

realidade objetiva e suas leis são cognoscíveis. Estas idéias básicas caracterizam, essencialmente, o materialismo (TRIVIÑOS, 1987, p. 23).

Continua Triviños:

Lênin, numa de suas obras, define a Matéria como “uma categoria filosófica para designar a realidade objetiva que é dada ao homem nas suas sensações, que é copiada, fotografada, refletida pelas nossas sensações, existindo independentemente delas” (TRIVIÑOS, 1987, p. 56).

E que segundo este:

o reconhecimento da **unidade material do mundo** é o princípio de partida do materialismo filosófico em oposição a todas as concepções idealistas nas que se admite como substância de todos os fenômenos no mundo da ‘vontade divina’ a ‘idéia absoluta’, ‘a energia’, ‘o espírito’ etc (grifo nosso) (TRIVIÑOS, 1987, p. 56).

No entanto, por si só, o materialismo não diz nada sobre como a substância material deve ser caracterizada. Na prática, é freqüentemente equiparado a uma variedade de fisicalismo.

O materialismo é freqüentemente associado com o reducionismo, segundo o qual os objetos ou fenômenos individualizados em um nível de descrição, se eles são genuínos, devem ser explicados em termos dos objetos ou fenômenos a outro nível de descrição - tipicamente, a um nível mais reduzido.

---

**CAPÍTULO II**  
**A NATUREZA DO SER**

---



## 2. A NATUREZA DO SER

O Espiritismo que tem por princípio as relações do mundo material com os espíritos ou seres do mundo invisível surge a partir do momento em que “*O Livro dos Espíritos*” veio a lume trazendo um corpo doutrinário que como especialidade, contém a Doutrina *Espírita* e como generalidade, prende-se a doutrina *espiritualista*, da qual apresenta uma das fases. Tal a razão por que traz no cabeçalho de seu título as palavras: *Filosofia Espiritualista* (KARDEC, 2006, p. 21).

Em seu corpo doutrinário filosófico apresenta o pensamento dos Espíritos reveladores, organizados e codificados por Allan Kardec através de uma metodologia apropriada à fenomenologia das relações com os Espíritos. As informações e conhecimentos transmitidos pelos Espíritos foram analisados e submetidos à razão, como elemento norteador do entendimento que seria formado, a partir daí, sobre a realidade do mundo invisível e sempre a partir de fatos e fenômenos resultantes da investigação e experimentação mediúmica. A visão dos Espíritos apresentada é a cerca do seu mundo e do mundo físico, da natureza da substância que compõe o Universo, quer seja a contra parte material ou a espiritual; da origem, natureza, finalidade e harmonia do espírito; da transmigração progressiva das almas, ou seja, da evolução física e moral do ser; da encarnação e reencarnação; da organização do corpo espiritual; dos princípios da natureza que regem as comunicações dos espíritos como habitantes do mundo visível; dos sistemas de convivência cultural, educativa, social e de justiça das organizações dos Espíritos e, da logística universal para comportar a evolução do ser do “átomo primitivo até o arcanjo, que também começou pelo átomo” (KARDEC, 2006, p. 323).

No espiritismo a questão filosófica fundamental sobre a natureza do ser passa pelo estabelecimento de que a matéria e o espírito são elementos distintos, porém oriundos de uma mesma substância, ou seja, são

estados diversos de uma essência imutável, chegando-se dessa forma a estabelecer a unidade substancial do Universo. Dentro, porém, desse monismo físico-psíquico, perfeitamente conciliável com a doutrina dualista, faz-se preciso considerar a matéria como estado negativo e o espírito como estado positivo dessa substância. O ponto de integração dos dois elementos estreitamente unidos em todos os planos do nosso relativo conhecimento, ainda não o encontramos (XAVIER, 2003, p. 170).

O Livro dos Espíritos que é um livro de Filosofia Espiritualista e que contém os princípios da Doutrina Espírita trata inicialmente sobre a matéria e sua natureza, sobre o espírito e sua natureza fazendo a correlação entre ambos. Todo o arcabouço filosófico,

científico e religioso da Doutrina dos Espíritos repousa na análise fundamental sobre a matéria, o espírito e sobre a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas – Deus; são considerados estes os elementos gerais do universo. Iremos à seqüência tratar da matéria, do espírito e do elemento criador.

## 2.1. MATÉRIA

A matéria é constituída a partir de um elemento primitivo, também denominado de matéria elementar. Diz-se que esta substância primitiva passa por modificações resultantes da sua união e em certas circunstâncias.

A matéria é formada de um só ou de vários elementos?

“De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, mas transformações da matéria primitiva” (KARDEC, 2006, p. 84).

Na origem do Espiritismo, a 18 de abril de 1857, a concepção a cerca da natureza da matéria passava pelo entendimento de que o átomo era semelhante a uma bola de bilhar (modelo de John Dalton), era a primeira teoria atômica moderna. Elementos químicos como o hidrogênio, o carbono, o nitrogênio e o oxigênio eram definidos como elementos básicos e que eram considerados como as menores partículas de matéria. A menor partícula de matéria no carbono seria o próprio átomo de carbono, pois a concepção girava em torno de que o átomo de carbono seria uma esfera maciça. O Espiritismo surge com a afirmação de que:

A mesma matéria elementar é suscetível de passar por todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?

“Sim, e é isso que se deve entender quando dizemos que *tudo esta em tudo*“.

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples não passam de modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que ainda nos achamos de remontar, a não ser pelo pensamento, a esta matéria primitiva, esses corpos são para nós verdadeiros elementos, e podemos, sem maiores conseqüências, considerá-los como tais até nova ordem.

**Nota de Allan Kardec:** Este princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores e que consiste em dar-se, pela ação da vontade, a uma substância qualquer, à água, por exemplo, propriedades muito diversas: um gosto determinado e até as qualidades ativas de outras substâncias. Desde que só existe um elemento primitivo e que as propriedades dos diferentes corpos não passam de modificações desse elemento, resulta que a mais inofensiva substância tem o mesmo princípio que a mais deletéria. Assim, a água, que é formada de uma parte de oxigênio e de duas de hidrogênio, torna-se corrosiva se duplicarmos a proporção de oxigênio. Uma transformação análoga pode produzir-se pela ação magnética dirigida pela vontade (KARDEC, 2006, p. 84 - 85).

Assim, vê-se claramente que a concepção instalada é a de que toda a matéria provém de uma única substância e que por inúmeros procedimentos de combinações, arranjo numérico e disposição espacial, tendo, ainda, a contribuição da força e dos movimentos, são apresentados os mais diferentes tipos de matéria que conhecemos.

A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria?

“Da matéria como a entendeis, sim; mas não da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que forma esse fluido imponderável para vós, mas nem por isso deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada” (KARDEC, 2006, p. 83).

### 2.1.1. MATÉRIA PESADA

Aquele tipo de matéria que tem extensão, que pode impressionar os sentidos, que é impenetrável, essas são as propriedades da que conhecemos e que constitui a organização do corpo físico e do mundo em que vivemos.

### 2.1.2. MATÉRIA SUTIL

#### **Espírito e matéria**

22. Define-se geralmente a matéria como aquilo que tem extensão, que pode impressionar os nossos sentidos, que é impenetrável. Essas definições são exatas?

“Do vosso ponto de vista são exatas, porque não falais senão do que conheceis. Mas a matéria existe em estados que vos são desconhecidos. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria, embora para vós não o seja” (KARDEC, 2006, p. 80).

No Espiritismo “a matéria é o laço que prende o espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação” e, ainda, na observação de Kardec, “deste ponto de vista, pode dizer-se que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o espírito”.

### 2.1.3. MATÉRIA DOS MUNDOS

Há uma distinção entre o Mundo Corporal e o Mundo Espiritual, estes mundos são constituídos de matéria, o primeiro é constituído de matéria pesada, grosseira e, o segundo é composto de matéria sutil, que não tocamos, não vemos e não sentimos, porém, por isso, não deixa de existir.

#### 2.1.4. GRADAÇÃO DE MATÉRIA

A partir da matéria elementar, das combinações infinitas desta, o universo provê a organização dos mundos e dos corpos dos espíritos conforme a natureza evolutiva do espírito. Portanto tem-se uma gradação infinita de estados e organização da matéria. Desde a matéria mais sutil e etérea até a mais grosseira.

Allan Kardec diz,

quem conhece, aliás, a constituição íntima da matéria tangível? Talvez ela não seja compacta, senão em relação aos nossos sentidos, o que seria provado com a facilidade com que ela é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos, aos quais ela não opõe mais obstáculos que os corpos transparentes em relação à luz.

A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, **ao desagregar-se**, deve poder voltar ao estado de eterização, assim como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatizar-se num gás impalpável. **A solidificação da matéria, na realidade, não passa de um estado transitório do fluido universal, o qual pode voltar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão cessam de existir.**

Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é suscetível de adquirir uma espécie de eterização que lhe confira propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem ser autênticos, tenderiam a tal suposição. Ainda não possuímos senão as balizas do mundo invisível, e o futuro nos reserva sem dúvida o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que para nós ainda é um mistério (KARDEC, 2006, p. 235).

Ao receber e organizar a filosofia espírita Kardec fez, como está claro na citação acima, análise do conhecimento adotado pelos espíritos e o conhecimento científico vigente na época. – A constituição íntima da matéria, talvez não seja compacta. O seu questionamento se fundamenta na facilidade com que a matéria é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos.

#### 2.2. ESPÍRITO

“A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não necessita de demonstração, tanto quanto o princípio material; de alguma forma, é uma verdade axiomática: ele se afirma por seus efeitos, como a matéria, pelos que lhe são próprios” (KARDEC, 2003, p. 174).

Para a filosofia espírita um dos elementos constitutivos do universo é o espírito, e afirma que a existência do princípio espiritual é uma verdade axiomática tanto quanto a existência do princípio material, e

##### **23. Que é o espírito?**

“O princípio inteligente do Universo” (KARDEC, 2006, p. 81).

O estudo inicial envereda pela análise da natureza do espírito. Quanto a sua essência, coloca o princípio espiritual na condição de que é uma substância detentora da capacidade de inteligência, deixa claro que não é imaterial, que não se divide e é capaz de irradiar a sua inteligência. Assim como a matéria que existe em gradações desconhecidas por nós, o princípio espiritual existe em estágios que vão do “átomo primitivo até o arcanjo, que também começou pelo átomo”.

### 2.2.1. NATUREZA DO ESPÍRITO

Na busca de gerar entendimento a cerca do espírito, diz Kardec “seria mais exato e menos sujeito a confusões designar esses dois elementos gerais pelas expressões: matéria inerte e matéria inteligente”, em se tratando da matéria e do espírito. E imagina-se que o espírito é imaterial, pelo fato de que “a sua essência difere de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria”, “**imaterial** não é bem o termo; **incorpóreo** seria mais exato”. O espírito “**é a matéria quintessenciada**, mas sem analogia para vós, e tão etérea que não pode ser percebida pelos vossos sentidos”. Ainda afirma que o espírito é independente da matéria, “são distintos, mas a união do espírito e da matéria é necessária para dar inteligência à matéria” (grifo nosso) (KARDEC, 2006, p. 83 e 111).

### 2.2.2. ORIGEM DO ESPÍRITO

“Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente”, “são os seres inteligentes da Criação” e “povoam o Universo, fora do mundo material” (KARDEC, 2006, p. 109 e 110).

Na Filosofia Espírita utiliza-se o termo Alma como sendo um Espírito no corpo físico, diz-se um Espírito encarnado, e, o Espírito é a Alma liberta do corpo físico, ou seja, desencarnada. Esta compreensão de Alma é estabelecida nas questões 134, 134-a e 134-b de “O Livro dos Espíritos” e na introdução que assim expressa:

“Poder-se-ia, assim, dizer, e talvez fosse o melhor, a *alma vital* para designar o princípio da vida material, a *alma intelectual* para o princípio da inteligência, e a *alma espírita* para o princípio da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto é uma questão de palavras, mas questão muito importante para nos entendermos. De acordo com isso, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* seria própria dos animais e dos homens, e a *alma espírita* pertencente somente ao homem”.

Ainda afirma que a alma ao transitar pelos seres inferiores da Criação é:

“O princípio inteligente que se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para vida. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o **princípio inteligente** sofre uma transformação e se torna **Espírito**. É então que começa para o Espírito o período da humanização e, com ele, a consciência do seu futuro, a distinção entre o bem e o mal e a responsabilidade dos seus atos, do mesmo modo que à infância sucede o período da adolescência, depois o da juventude e, finalmente, o da madureza” (grifo nosso) (KARDEC, 2006, p. 24 e 352).

### 2.2.3. FIM DO ESPÍRITO

Quanto à extinção ou termo final da individualidade do espírito, a resposta dada pelos espíritos a Allan Kardec (KARDEC, 2006, P. 111) foi bastante econômica, vejamos:

*83. Os Espíritos têm fim? Compreende-se que o princípio de onde eles emanam seja eterno, mas o que perguntamos é se suas individualidades têm um termo e se, em dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se dissemina e volta à massa de onde saiu, como acontece com os corpos materiais. É difícil compreender que uma coisa que teve começo não possa ter fim.*

“Há muita coisa que não compreendeis porque a vossa inteligência é limitada; mas isso não é razão para as repelirdes. A criança não compreende tudo o que seu pai compreende, nem o ignorante tudo o que compreende o sábio. **Dissemos que a existência dos Espíritos não tem fim**; é tudo quanto podemos dizer por enquanto (grifo nosso).

### 2.2.4. ATRIBUTOS DO ESPÍRITO

Quanto aos atributos do espírito Kardec afirma:

- a. “O espírito é independente da matéria”;
- b. “A inteligência é um atributo essencial do espírito, mas ambos se confundem num princípio comum, de sorte que, para vós, são a mesma coisa. A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de agir, a consciência de sua existência e de sua individualidade, bem como os meios de estabelecerem as relações com o mundo exterior e de proverem as suas necessidades. A fonte da inteligência é a *inteligência universal*”;
- c. “O Espírito é uma centelha etérea e ela varia do escuro ao brilho do rubi, conforme o Espírito seja mais ou menos puro”;
- d. “Com a rapidez do pensamento” os Espíritos percorrem os espaços. “Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois é a alma quem pensa”. “O Espírito pode perfeitamente, se quiser, dar-se conta da distância que percorre,

mas essa lembrança pode desaparecer completamente; isso depende da sua vontade, bem como da sua natureza mais ou menos depurada”;

- e. “Não pode haver divisão de um mesmo Espírito”;
- f. “Cada Espírito é um centro que irradia para diferentes lados, e é por isso que parece estar em muitos lugares ao mesmo tempo” e a força dessa irradiação “depende do grau de pureza de cada um”;
- g. Os Espíritos “penetram tudo: o ar, a terra, as águas e até mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis”;
- h. “Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante”;
- i. “O Espírito está envolvido por uma substância que é vaporosa para ti, mas ainda bastante grosseira para nós; suficientemente vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira” é o corpo espiritual, denominado de Perispírito;
- j. “Os espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos, o mundo dos Espíritos, ou das Inteligências incorpóreas, o mundo espiritual, que preexiste e sobrevive a tudo. Os Espíritos estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Há muitas moradas na casa de meu Pai. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos” (KARDEC, 2004, p. 83 e 84).
- k. “Os espíritos são uma das forças da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a execução de seus desígnios providenciais”.

#### 2.2.5. GRADAÇÃO DO ESPÍRITO

Do mineral à planta, da planta ao animal e ao homem, do homem aos seres superiores, a apuração da matéria, a ascensão da força e do pensamento produzem-se em ritmo harmonioso. Uma lei soberana regula num plano uniforme as manifestações da vida, enquanto um laço invisível une todos os Universos e todas as almas (DENIS, 1977, p. 64).

Do Princípio Espiritual ao estágio de Espírito individualizado, a Filosofia Espírita afirma que o ser evolui, conquista o domínio da inteligência e da consciência no exercício constante da interação consigo e com o ambiente externo, dominando as forças da natureza e o pensamento.

Léon Denis afirma que há uma gradação infinita de estados evolutivos do espírito, pois “por toda parte a vida engendra a vida. De degrau em degrau, de espécies em espécies, num encadeamento, ela eleva-se dos organismos mais simples, os mais elementares, até ao ser pensante e consciente; em uma palavra, até ao homem. Uma poderosa unidade rege o mundo” (DENIS, 1977, p. 64).

Na escalada evolutiva, em todos os graus, o espírito participa da criação universal através da manipulação do Fluido Cósmico em

#### CO-CRIAÇÃO EM PLANO MAIOR

Nessa substância original ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as inteligências Divinas a Ele agregadas, em processos de comunhão indescritível, os grandes Devas da teologia hindu ou os Arcanjos da interpretação de variados templos religiosos, extraíndo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade, em serviços de Co-criação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes orientadores da Criação Excelsa.

Essas inteligências Gloriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, radiantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas, obedecendo a leis predeterminadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam, por fim, de vez que o Espírito Criado pode formar ou co-criar, mas só Deus é o Criador de Toda a Eternidade (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 21).

Aí esta descrita, segundo o Espiritismo, a forma de atuação dos Espíritos Puros, seres que alcançaram o estágio na evolução que não mais precisam do vínculo com a matéria física para se expressarem e para continuar a sua evolução. Os espíritos puros extraem do “plasma divino” “os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade” as “habitações cósmicas”, em outras palavras, são os arquitetos, engenheiros e construtores das moradias cósmicas.

Vejamos o que é dito em relação aos Espíritos semelhante a nós.

#### CO-CRIAÇÃO EM PLANO MENOR

Em análogo alicerce, as Inteligências humanas que ombreiam conosco utilizando o mesmo fluido cósmico, em permanente circulação no Universo, para a Co-criação em plano menor, assimilando os corpúsculos da matéria com a energia espiritual que lhes é própria, formando assim o veículo fisiopsicossomático em que se exprimem ou cunhando as civilizações que abrangem no mundo a Humanidade Encarnada e a Humanidade Desencarnada. Dentro das mesmas bases, plasmam também os lugares entenebrecidos pela purgação infernal, gerados pelas mentes desequilibradas ou criminosas nos círculos inferiores e abismais, e que valem por aglutinações de duração breve, no microcosmo em que estagiam, sob o mesmo princípio de comando mental com que as Inteligências Maiores modelam as edificações macroscópicas, que desafiam a passagem dos milênios (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 23).



Associado às suas conquistas evolutivas o Espírito age transformando o ambiente em seu favor. Constrói ao longo dos evos, nas suas experiências de interação com a matéria física o “veículo fisiopsicossomático”, ou seja, tece a organização mental que preside a organização do seu corpo espiritual e, cada vez que interage com o ambiente físico, organiza o seu corpo somático, armazenando em seu ser as experiências adquiridas que se expressaram nos estágios seguintes, ficando evidente que o espírito promove a sua evolução estrutural. As “Inteligências humanas” “assimilando os corpúsculos da matéria com a energia espiritual que lhes é própria” utilizando “o mesmo princípio de comando mental com que as Inteligências Maiores modelam as edificações macroscópicas” plasman os ambientes em que vivem inclusive os “lugares entenebrecidos pela purgação infernal, gerados pelas mentes desequilibradas ou criminosas nos círculos inferiores e abismais”. Desse modo as “Inteligências humanas” são autoras dos efeitos do seu modo de pensar.

Quanto ao princípio inteligente no início de sua evolução, observemos

essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem emergir do mar ilhas e arquipélagos. Acreditais que não haja aí fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? Entretanto, são animais do último grau que realizam essas coisas, provendo às suas necessidades e sem suspeitarem de que são instrumentos de Deus. Pois bem! Do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto. Enquanto *se ensaiam para a vida*, antes que tenham plena consciência de seus atos e de seu livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, dos quais são agentes, mesmo de forma inconsciente. Primeiramente, executam; mais tarde, quando suas inteligências estiverem mais desenvolvidas, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, poderão dirigir as do mundo moral (KARDEC, 2006, p. 323).

Na atividade de interação com os elementos da natureza o princípio inteligente ao longo de milhares e milhões de anos desenvolve a sua inteligência migrando de reino em reino, mineral, vegetal, animal, hominal e, por fim, já com o domínio pleno sobre a matéria física em todas as suas gradações passa a efetivar a sua evolução infinita na qualidade de ser espírito puro. A filosofia espírita afirma desse modo que o espírito é criado por evolução.

## 2.3. FLUIDO CÓSMICO

### 2.3.1. CONCEITO

PLASMA DIVINO - O fluido cósmico é o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 21).

### 2.3.2. COMPOSIÇÃO E APLICAÇÃO

O plasma divino ou Princípio elementar é a

base mantenedora de todas as associações da forma nos domínios inumeráveis do Cosmo, do qual conhecemos o elétron como sendo um dos corpúsculos-base, nas organizações e oscilações da matéria (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 43).

Desse modo

nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 21).

Identifica-se no mesmo

as energias profundas que produzem eletricidade e magnetismo da matéria mental dos seres criados, como alicerce vivo de todas as realizações nos planos físico e extrafísico, encontramos o pensamento por agente essencial (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 44 e 45).

O fluido Cósmico

desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita (KARDEC, 2006, p. 82).

### 2.3.3. ENERGIA

O conceito de energia surge posteriormente ao período de organização das obras básicas do Espiritismo, editadas por Kardec, no período a expressão utilizada era fluido,

o que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente (KARDEC, 2006, p.82).

Kardec diz que o fluido cósmico “é suscetível de inúmeras combinações” e que “fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente”, que “sob certo ponto de vista, se possa classificar o fluido universal como elemento material” que “ele se distingue deste por propriedades especiais” e que é suscetível de inúmeras combinações com a matéria sob a ação do espírito produzindo a “infinita variedade das coisas de que não conheceis senão uma ínfima parte”.

A ciência mais tarde vem afirmar que matéria pode ser convertida em energia e que esta, por sua vez, pode ser condensada em matéria.

Fluido Universal ou Fluido Cósmico ou Plasma Divino são expressões para designar, conforme o Espiritismo, a Energia Cósmica, substância elementar e originária que sob intensas transformações e combinações origina a natureza.

Matéria, energia e espírito são estados distintos, conforme o Espiritismo, do Plasma Divino ou energia cósmica após infinitas transformações e combinações.

## 2.4. MENTE E CORPO

135. Há no homem outra coisa além da alma e do corpo?

“Há o laço que une a alma ao corpo” (KARDEC, 2006, p. 135).

### 2.4.1. A MENTE

nos fundamentos da Criação vibra o pensamento imensurável do Criador e sobre esse plasma divino vibra o pensamento mensurável da criatura, a constituir-se no vasto oceano de força mental em que os poderes do Espírito se manifestam (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 44).

#### MATÉRIA MENTAL – COMPOSIÇÃO

André Luiz afirma que o pensamento “ainda é matéria, - a matéria mental, em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos prevalecem sob novo sentido, compondo o maravilhoso mar de energia sutil em que todos nos achamos submersos e no qual surpreendemos elementos que transcendem o sistema periódico dos elementos químicos conhecidos no mundo”. Que o elemento constitutivo da matéria mental tem “as formações corpusculares, com bases nos sistemas atômicos em diferentes condições vibratórias, considerando os átomos, tanto no plano físico, quanto no plano mental, como associações de cargas positivas e negativas”. Que os componentes do átomo da matéria mental são denominados “núcleos, prótons, nêutrons, pósitrons, elétrons ou fótons mentais, em vista da ausência de terminologia analógica para estruturação mais segura de nossos apontamentos”. E assim, “a matéria mental, embora em aspectos fundamentalmente diversos, obedece a princípios idênticos àqueles que regem as associações atômicas, na esfera física, demonstrando a divina unidade de plano do Universo” (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 45 E 46).

#### MATÉRIA MENTAL – PENSAMENTO

Quanto ao pensamento André Luiz afirma que o pensamento é “o fluxo energético do campo espiritual” de cada criatura que “em movimentos sincrônicos ou estado de

agitação pelos impulsos da vontade, estabelecem para cada pessoa uma onda mental própria”.

Que o fluxo energético do campo espiritual de cada criatura, a depender do estado evolutivo, apresenta-se em graduações de ondas de: **raios super-ultra-curtos**, em que se exprimem as legiões angélicas, através de processos ainda inacessíveis à nossa observação; **oscilações curtas, médias e longas** em que se exteriorizam a mente humana; **ondas fragmentárias** dos animais, cuja vida psíquica, ainda em germe, somente arroja de si determinados pensamentos ou raios descontínuos” (grifo nosso).

Que as emissões dos domínios do pensamento humano a depender do estado de que o produz pode apresentar-se **em posição vulgar**, acomodados às impressões comuns da criatura humana normal, os **átomos mentais inteiros**, regularmente excitados, na esfera dos pensamentos, produzirão **ondas muito longas** ou de simples sustentação da individualidade, correspondendo à manutenção de calor. Se forem os **elétrons mentais**, nas órbitas dos átomos da mesma natureza, a causa da agitação, em estados menos comuns da mente, quais sejam os de atenção ou **tensão pacífica**, em virtude de **reflexão ou oração natural**, o campo dos pensamentos exprimir-se-á em **ondas de comprimento médio** ou de **aquisição de experiência**, por parte da alma, correspondendo à **produção de luz interior**. E se a **excitação** nasce dos diminutos **núcleos atômicos**, em **situações extraordinárias da mente**, quais sejam as emoções profundas, as dores indizíveis, as laboriosas e aturadas concentrações de força mental ou as súplicas aflitivas, o domínio dos pensamentos emitirá **raios muito curtos** ou de imenso poder transformador do campo espiritual, teoricamente semelhante aos que se aproximam dos raios gama (grifo do autor e nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 44 E 45).

#### MATÉRIA MENTAL – VONTADE

Como instrumento sutil da vontade, André Luiz diz que a mente humana propaga no espaço a corrente mental e recorrendo ao *campo* de Einstein, imaginemos a **mente** humana no lugar da chama em atividade. Assim como a intensidade de **influência** da chama diminui com a distância do núcleo de energias em combustão, demonstrando fração cada vez menor, sem nunca atingir a zero. Essa **corrente de partículas mentais** exterioriza-se de cada Espírito com qualidade de **indução mental**, tanto maior quanto mais amplos se lhe evidenciem as **faculdades de concentração** e o **teor de persistência** no rumo dos objetivos que demande. Tanto quanto, no domínio da energia elétrica, a indução

significa o processo através do qual um corpo que detenha propriedades eletromagnéticas pode transmiti-las a outro corpo sem contato visível, no reino dos **poderes mentais** a **indução** exprime processo idêntico, porquanto a **corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize**. Tanto na eletricidade quanto no mentalismo, o fenômeno **obedece** à conjugação de ondas, enquanto **perdure** a sustentação do fluxo energético. A matéria mental é o instrumento sutil da vontade, **atuando** nas formações da matéria física, **gerando** as motivações de prazer ou desgosto, alegria ou dor, otimismo ou desespero, que não se reduzem efetivamente a abstrações, por representarem turbilhões de força em que **a alma cria os seus próprios estados de mentação indutiva**, atraindo para si mesma os agentes (por enquanto imponderáveis na terra), de luz ou sombra, vitória ou derrota, infortúnio ou felicidade (grifo nosso).

E, que considerando que a matéria mental é o instrumento sutil da vontade irradiando e influenciando em todas as direções, daí emitindo uma **idéia**, passamos a refletir as que se assemelham, idéia essa que para logo se **corporifica**, com intensidade correspondente à nossa **insistência em sustentá-la**, mantendo-nos, assim, espontaneamente, em comunicação com todos os que nos esposem o modo de sentir. É nessa projeção de forças, a determinarem o **compulsório intercâmbio** com todas as mentes encarnadas ou desencarnadas, que se nos movimenta o Espírito no **mundo das formas-pensamentos**, construções substanciais na esfera da alma, que nos liberam o passo ou no-lo escravizam, na pauta do bem ou do mal de nossa escolha. Isso acontece porque, à maneira do homem que constrói estradas para a sua própria expansão ou que talha algemas para si mesmo, **a mente de cada um**, pelas correntes de matéria mental que exterioriza, **eleva-se** à gradativa libertação no rumo dos planos superiores ou **estaciona** nos planos inferiores, como quem traça vasto labirinto aos próprios pés (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 47 e 48).

#### ENERGIA MENTAL – CRIAÇÃO E EXPANSÃO

Quanto à criação e expansão da energia mental, André Luiz afirma que o Espírito, encarnado ou desencarnado, na essência, pode ser comparado a um dínamo complexo, em que se verifica a **transubstanciação do trabalho psicofísico em forças mento-eletromagnéticas**, forças essas que guardam consigo, no laboratório das células em que circulam e se harmonizam, a propriedade de agentes emissores e receptores, conservadores

e regeneradores de energia. E para simples efeito de estudo da transmissão de força mediúnica, em que a matéria mental é substância básica, lembremo-nos de que a chamada força eletromotriz nasce do agente que a produz em circuito fechado. O aparelho gerador, no caso, não plasma correntes elétricas e sim produz determinada diferença de potencial entre os seus terminais ou extremos, facultando aos elétrons a movimentação necessária. Idealizemos o fluxo de energias mento-eletromagnéticas, ou fulcro de ondas da entidade comunicante e do médium, como dois campos distintos, associando valores positivos e negativos, respectivamente, com uma diferença de potencial que, em nosso caso, constitui certa capacidade de junção específica. Estabelecido um fio condutor de um para o outro que, em nosso problema, representa o **pensamento de aceitação ou adesão** do médium, a corrente mental desse ou daquele teor se improvisa em regime de ação e reação, atingindo-se o necessário equilíbrio entre ambos, anulando-se, desde então, a diferença existente, pela integração das forças conjuntas em clima de afinidade. Se quisermos sustentar o continuísmo de semelhante conjugação, é imprescindível conservar entre os dois um gerador de força, que, na questão em análise, é o **pensamento constante de aceitação ou adesão** da personalidade mediúnica. Existe capacidade de **afinização** entre um Espírito e outro, quando a ação de **plasmagem e projeção da matéria mental** na entidade comunicante for, mais ou menos, igual à ação de receptividade e expressão na personalidade mediúnica. Assinalamos, em todos os lugares, os **mananciais de força mediúnica**, a se expressarem por mais **fraco teor** nos processos não ostensivos de **ação**, do ponto de vista da evidência pública, pelos quais **servidores abnegados do bem** conseguem a restauração moral desse ou daquele companheiro rebelde, a cura de certo número de almas doentes, a repetição de avisos edificantes, a assistência especializada a múltiplos tipos de sofrimento, ou a condução enobrecedora do grupo familiar a que se devotam (grifo do autor e nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 49 e 53).

#### ENERGIA MENTAL – COMUNICAÇÃO

Quanto à comunicação diz que tendo a mesma característica estrutural da matéria física que conhecemos, a aplicação e o domínio sobre a matéria mental passa pela utilização de suas propriedades quanto à circulação da corrente mental no campo de integração magnética “sempre que se mantenha a sintonia psíquica entre os seus extremos ou, mais propriamente, o emissor e o receptor. O circuito mediúnico, dessa maneira, expressa uma *vontade-apelo* e uma *vontade-resposta*, respectivamente, no trajeto ida e

volta, definindo o comando da entidade comunicante e a concordância do médium. Fenômeno esse exatamente aplicável tanto à esfera dos Espíritos desencarnados, quanto à dos Espíritos encarnados, porquanto exprime conjugação natural ou provocada nos domínios da inteligência, totalizando os serviços de associação, assimilação, transformação e transmissão da energia mental. Para a realização dessas atividades, o emissor e o receptor guardam consigo possibilidades particulares nos recursos do cérebro, em cuja intimidade se processam circuitos elementares do campo nervoso, atendendo a trabalhos espontâneos do espírito, como seja, ideação, seleção, auto-crítica e expressão. A corrente mental no circuito mediúnicos equilibra-se igualmente entre a entidade comunicante e o médium, mas, para que se lhe alimente o fluxo energético em circulação, é indispensável que o **pensamento constante de aceitação ou adesão** do médium se mostre em equilíbrio ou, mais exatamente, é preciso que o circuito mediúnicos permaneça fechado, porque em regime de circuito aberto ou desatenção a corrente de associação mental não se articula” (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 55 - 57).

#### ENERGIA MENTAL – FORÇA SUTIL DO ESPÍRITO

O pensamento apresenta propriedades que são trabalhadas pela vontade do Espírito e considerando que “sendo o pensamento **força sutil e inexaurível** do Espírito, podemos categorizá-lo, assim, à conta de **corrente viva e exteriorizante**, com **faculdades de auto-excitação e autoplásticação**” (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 76).

Portanto, a partir desta ótica, o pensamento tem a capacidade de excitar e dar forma a si mesmo, como corrente viva e exteriorizante do Espírito.

#### CORPO MENTAL

**O corpo mental**, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, **é o envoltório sutil da mente**, e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela em que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 21).

A matéria mental é a componente organizadora do corpo mental, André Luiz diz que O “**corpo mental** da individualidade” contém “**todos os órgãos virtuais de exteriorização da alma**, nos círculos terrestres e espirituais” (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 90).

#### 2.4.2. CORPO ESPIRITUAL

Paulo tratou da existência do corpo espiritual além da do corpo físico no primeiro século da nossa era e no versículo 44 do capítulo 15º de sua primeira Epístola aos Coríntios, asseverou, convincente:

“Semeia-se corpo animal, é ressuscitado corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual” (BÍBLIA, 2000).

Segundo o Espiritismo o Espírito não é um ser imaterial pois está envolvido numa substância denominada de fluido, como vimos anteriormente, matéria que é utilizada na organização do plano do espírito, que possui estrutura semelhante a da matéria física e que obedece aos mesmos princípios desta, obedecendo as suas peculiaridades. Vejamos a questão 93 do Livro dos espíritos:

*O Espírito propriamente dito tem alguma cobertura, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?*

“O **Espírito está envolvido por uma substância** que é **vaporosa para ti**, mas ainda bastante **grosseira para nós**; suficientemente vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira”.

Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar *perispírito*, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito (grifo nosso) (KARDEC, 2006, p. 114).

E, denomina de Perispírito, o corpo do espírito. Apresenta propriedade relativa quanto a natureza dessa substância, diz que é vaporosa para o plano físico e que é bastante grosseira para o plano do espírito, apresentado a relatividade do entendimento quanto ao tipo de matéria utilizada. No ítem sobre o fluido cósmico diz que este serve de intermediário entre o espírito e a matéria, compreendendo-se que o espírito tira o seu envólucro semimaterial “Do fluido universal de cada globo, é por isso que ele não é o mesmo em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa”. E que a substância do *perispírito* “é mais ou menos etérea”, “o Espírito se reveste da matéria própria de cada um, com a rapidez do relâmpago”. É por isso que:

*Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?*

“É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos” (grifo nosso) (KARDEC, 2006, p. 115).

No entanto “o perispírito é o laço que a matéria do corpo prende o espírito, que o tira do meio ambiente, do fluido universal. Participa ao mesmo tempo da eletricidade, do



fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a **quintessência da matéria**. É o **princípio da vida orgânica**, porém não o da vida intelectual, que reside no Espírito. É, além disso, o **agente das sensações exteriores**”, o invólucro semimaterial do espírito e **“tem a forma que o Espírito queira**; é assim que ele vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que **pode tomar forma visível, mesmo palpável**”. Portanto além da alma e do corpo “há o laço que liga a alma ao corpo”. Sendo que a sua natureza é “Semimaterial, isto é, intermediário entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que eles possam comunicar-se um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e vice-versa”. (grifo nosso). Ele afirma que a alma quando não mais possui o corpo físico “tem ainda um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu planeta, e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito” (KARDEC, 2006, p. 135, 143, 201). Então,

*haverá mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?*

“Sim, e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros” (KARDEC, 2006, p. 161).

#### NATUREZA DO CORPO ESPIRITUAL

“O corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação” diz André Luis, enquanto o corpo mental é o responsável por plasmar o corpo espiritual, “é o corpo físico que o reflete”. Portanto ele afirma que existe o corpo mental e que este modela o corpo espiritual, que por sua vez é a matriz ou modelo organizador biológico do corpo físico. **“Do ponto de vista da constituição e função** em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, **é o corpo espiritual o veículo físico** por excelência, **com sua estrutura eletromagnética**, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja”.

Que no mundo espiritual, a consciência imortal, as criaturas desencarnadas, têm como instrumento de manifestação incessante o “corpo espiritual ou psicossoma” que tem **“formação sutil**, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, **em cuja tessitura, as células**, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, **se distribuem mais ou menos à feição das partículas colóides**, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica, e **apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta**”.

Ele, ainda, afirma que o corpo espiritual é tecido com células em outra faixa vibratória, ou seja, no mundo espiritual, e que “é importante considerar, todavia, que nós, os desencarnados, na esfera que nos é própria, **estudamos**, presentemente, **a estrutura mental das células**, de modo a **iniciarmo-nos em aprendizado superior**, com mais amplitude de conhecimento, **acerca dos fluídos** que nos integram o clima de manifestação, todos eles **de origem mental** e todos entretecidos na essência da **matéria primária, ou Hausto Corpuscular de Deus**, de que se compõe a base do Universo Infinito”. Estudam, ainda, o psicossoma na qualidade de veículo físico de expressão na condição de desencarnados e que “nele possuímos todo o equipamento de recursos automáticos que governam os bilhões de **entidades microscópicas a serviço da Inteligência**, nos círculos de ação em que nos demoramos” reforçando que esses recursos automáticos foram “adquiridos vagarosamente pelo ser, em milênios e milênios de esforço e recapitulação, nos múltiplos setores da evolução anímica”, e que regem “a atividade funcional dos órgãos relacionados pela fisiologia terrena”. A Filosofia Espírita afirma, assim, que o ser se desenvolve estruturalmente ao longo de milhões e milhões de anos, do princípio inteligente, na unidade celular, ao Espírito na unidade consciencial, período em que passa a desenvolver a sua evolução moral. Que no desenvolvimento estrutural o ser inteligente, no estágio de Espírito, passa a ter domínio e a seu serviço as entidades microscópicas que são princípios inteligentes no estágio celular (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 27 - 29).

## ESTRUTURA DO CORPO ESPIRITUAL

### CENTRO VITAL - CENTRO CORONÁRIO

André Luiz diz que no psicossoma “identificamos o **centro coronário**, instalado na região central do cérebro, **sede da mente**”. Tem a função de assimilar “os estímulos do Plano Superior”; de orientar “a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada, nas cintas de aprendizado que lhe corresponde no abrigo planetário”; e de supervisionar “os outros centros vitais que lhe obedecem ao impulso, procedente do Espírito, assim como as peças secundinas de uma usina respondem ao comando da peça-motor de que se serve o tirocínio do homem para concatená-las e dirigi-las”. É o ponto de interação entre “as **forças determinantes do espírito**” e “as **forças fisiopsicossomáticas organizadas**”. Origina “a **corrente de energia vitalizante** formada de estímulos espirituais com **ação difusível**

sobre a matéria mental que o envolve”. Transmite “os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações” para os outros centros vitais da alma que “interdependentes entre si, **imprimem** semelhantes **reflexos** nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, **plasmando** em nós próprios os **efeitos** agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta”. E, Assim “a **mente elabora** as criações que lhe fluem da vontade, **apropriando-se** dos elementos que a circundam”. Desse modo “o **centro coronário incumbe-se** automaticamente **de fixar** a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, **marcando** no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino” (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 28 - 29).

#### CENTROS VITAIS SECUNDÁRIOS

Diz, ainda, que os centros vitais secundários estão entrelaçados por redes plexiformes no psicossoma e por conseqüência no corpo físico, e são eles:

##### CENTRO CEREBRAL

É “contíguo ao coronário”, e tem “influência decisiva sobre os demais” centros vitais, governa “o córtice encefálico na sustentação dos sentidos”, marca “a atividade das glândulas endócrinas” e administra “o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efectoras.

##### CENTRO LARÍNGEO

Exerce a sua atividade “controlando notadamente a respiração e a fonação”.

##### CENTRO CARDÍACO

Exerce a sua atividade “dirigindo a emotividade” e dirigindo “a circulação das forças de base”.

##### CENTRO ESPLÊNICO

Determina “as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sangüíneo”.

##### CENTRO GÁSTRICO

É responsável “pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização”.

## CENTRO GENÉSICO

Guia a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas.

## CÉLULAS

Conforme André Luiz, as células assumem “especialização extrema” nas suas funções no corpo denso e em recursos equivalentes do corpo espiritual em decorrência da atuação dos centros vitais, por serem “fulcros energéticos”, que por sua vez obedecem a “direção automática da alma”. São “bilhões de células que nos servem ao veículo de expressão” por estarem “**agora domesticadas**, na sua quase totalidade em funções exclusivas”.

Elas “**obedecem às ordens do espírito**, diferenciando-se e adaptando-se às condições por ele criadas, **procedem do elemento primitivo**, comum, **de que todos provimos em laboriosa marcha no decurso dos milênios**”.

## EXTERIORIZAÇÃO DOS CENTROS VITAIS

São “**exteriorizáveis**” os centros vitais quando “a criatura se encontre no campo da encarnação, durante o sono vulgar, **os médicos e enfermeiros desencarnados**” vão “no **auxílio** a doentes físicos de todas as latitudes da Terra, **plasmando** renovações e transformações no comportamento celular mediante **intervenções** no corpo espiritual, segundo a lei do merecimento, recursos esses que se popularizarão na medicina terrestre do grande futuro”.

## O PSICOSSOMA NO MUNDO ESPIRITUAL

Conforme explicações do autor espiritual “o psicossoma é ainda corpo de duração variável”, que sofre alterações segundo “o equilíbrio emotivo e o avanço cultural daqueles que o governam”. Que, quando no mundo espiritual depois do desprendimento do corpo físico pela morte deste, o psicossoma “apresenta transformações fundamentais no centro gástrico, pela diferenciação dos alimentos de que se provê, e no centro genésico, quando há sublimação do amor, na comunhão das almas que se reúnem no matrimônio divino das próprias forças, gerando novas fórmulas de aperfeiçoamento e progresso para o reino do espírito. Que o psicossoma passa por processo de evolução e aprimoramento “nas experiências de ação e reação, no plano terrestre e nas regiões espirituais que lhes são fronteiriças” e que “é suscetível de sofrer alterações múltiplas com alicerces na **adinamia**

proveniente da nossa queda mental no remorso, ou na **hiperdinamia** imposta pelos delírios da imaginação, a se responsabilizarem por disfunções inúmeras da alma alterações que são nascidas do estado de “**hipo e hipertensão** no movimento circulatório das forças que lhe mantém o organismo sutil. Que o psicossoma pode passar por processos que o leva a **desgastar-se**, na esfera imediata à esfera física, para nela se refazer, através do renascimento, segundo o molde mental preexistente, ou ainda **restringir-se** a fim de se reconstituir de novo, no vaso uterino, para a recapitulação dos ensinamentos e experiências de que se mostre necessitado, de acordo com as falhas da consciência perante a Lei” (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 29 - 31).

#### 2.4.3. CORPO FÍSICO

Para definirmos de alguma sorte, o **corpo espiritual**, é preciso considerar, antes de tudo, que **ele não é reflexo do corpo físico**, porque, na realidade, **é o corpo físico que o reflete** (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 27).

O corpo mental contém os órgãos virtuais da alma, quando se expande expressa um campo mentoeletromagnético com os órgãos plasmados, como uma projeção holográfica. Quando o Espírito está reencarnado este campo exerce uma interação mentoeletromagnética com a matéria física, organizando, assim, o corpo físico. Quando o Espírito está desencarnado este campo exerce a interação com a matéria espiritual, organizando o corpo do Espírito, psicossoma, que utiliza para expressar-se no mundo dos espíritos.

A mente, que contém os órgãos em estado virtual, pasma a forma exteriorizada no corpo espiritual e este, por sua vez, o corpo físico.

O corpo físico, que é reflexo do psicossoma, é vestimenta temporária do espírito. É utilizado para o trânsito de aprendizado imortal.

Quando o espírito retorna ao corpo físico a sua união a este “começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz”, e, é definitiva a união, no sentido de que outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo (KARDEC, 2006, p. 237-238).

Afirma que “os seres que habitam os diferentes mundos” têm corpo físico que “é mais ou menos material, conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos” e que “é isso o que assinala a diferença entre os mundos que temos de percorrer, porquanto muitas moradas há na casa de nosso Pai, sendo, conseguintemente, de muitos graus essas moradas”.

Ele comenta, ainda, que:

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste se aproxima igualmente da natureza espírita. Torna-se-lhe menos densa a matéria, deixa de rastejar penosamente pela superfície do solo, menos grosseiras se lhe fazem as necessidades físicas, não mais sendo preciso que os seres vivos se destruam mutuamente para se nutrirem. O Espírito se acha mais livre e tem, das coisas longínquas, percepções que desconhecemos. Vê com os olhos do corpo o que só pelo pensamento entrevemos.

Da purificação do Espírito decorre o aperfeiçoamento moral, para os seres que eles constituem, quando encarnados. As paixões animais se enfraquecem e o egoísmo cede lugar ao sentimento da fraternidade. Assim é que, nos mundos superiores ao nosso, se desconhecem as guerras, carecendo de objeto os ódios e as discórdias, porque ninguém pensa em causar dano ao seu semelhante. A intuição que seus habitantes têm do futuro, a segurança que uma consciência isenta de remorsos lhes dá, fazem que a morte nenhuma apreensão lhes cause. Encaram-na de frente, sem temor, como simples transformação.

A duração da vida, nos diferentes mundos, parece guardar proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um, o que é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam. Quanto mais puro o Espírito, menos paixões a miná-lo. É essa ainda uma graça da Providência, que desse modo abrevia os sofrimentos (KARDEC, 2006, p. 159).

Segundo a Filosofia Espírita o corpo físico, por ser reflexo do corpo espiritual, assume uma constituição corpórea conforme o estado evolutiva do Espírito variando, assim, de mundo para mundo. Variação que decorre da capacidade mental do Espírito de plasmar o seu psicossoma e o seu corpo físico, trabalhando, para tal, a matéria que se utilizará, na qualidade de co-criador.

## 2.5. O ESPÍRITO NO UNIVERSO

Analisando os elementos constitutivos da natureza, conforme apresenta o Espiritismo, o elemento material, na dualidade matéria e energia e o elemento espiritual na gradação infinita dos estágios do princípio inteligente é expresso, por este, a compreensão que:

“É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou pelo átomo” (KARDEC, 2006, p. 323).

Desse modo,

por toda parte a vida engendra a vida.

De degrau em degrau, de espécies em espécies, num encadeamento, ela eleva-se dos organismos mais simples, os mais elementares, até ao ser pensante e consciente; em uma palavra, até ao homem. Uma poderosa unidade rege o mundo. Uma só substância, o éter ou fluído universal, constitui em suas transformações infinitas a inumerável variedade dos corpos. Este elemento vibra sob a ação das forças cósmicas. Conforme a velocidade e o número dessas vibrações, assim se produz o calor, a luz, a eletricidade, ou o fluído magnético. Condensem-se tais vibrações, e logo os corpos aparecerão.

E todas essas formas se ligam, todas essas forças se equilibram, consorciam-se em perpétuas trocas, numa estreita solidariedade. **Do mineral à planta, da planta ao animal e ao homem, do homem aos seres superiores, a apuração da matéria, a ascensão da força e do pensamento produzem-se em ritmo harmonioso.** Uma lei soberana regula num plano uniforme as manifestações da vida, enquanto um laço invisível une todos os Universos e todas as almas (grifo nosso) (DENIS, 1977, p. 64).

Assim, entende-se que

a alma vem de Deus e volve a Deus, percorrendo o ciclo imenso dos seus destinos; mas, por mais baixo que tenha descido, cedo ou tarde, pela atração, sobe de novo para o infinito (DENIS, 2003, p. 159).

As “Inteligências Gloriosas” ou denominadas de “inteligências Divinas”, que por estarem agregadas ao “Senhor Supremo”, utilizam a matéria elementar que é o fluido cósmico também chamado de plasma divino, para construir as “habitações cósmicas”, fazendo com que pela “atuação desses Arquitetos Maiores” venham a surgir nas galáxias “as organizações estelares como vasto continente do Universo em evolução e as nebulosas intragaláticas como vastos domínios do Universo”.

É aí, no seio dessas formações assombrosas, que se estruturam, inter-relacionados, a matéria, o espaço e o tempo, a se renovarem constantes, **oferecendo campos gigantescos ao progresso do Espírito** (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 22).

Que essas inteligências “esculpem os planetas, em cujo seio as mônadas celestes encontrarão adequado berço ao desenvolvimento” e que “servem à finalidade a que se destinam, por longas eras consagradas à evolução do Espírito”.

Assim,

a evolução dos mundos e das almas é regida pela vontade divina, que penetra e dirige toda a Natureza, mas a evolução física é uma simples preparação para a evolução psíquica e a ascensão das almas prossegue muito além da cadeia dos mundos materiais (DENIS, 2003, P. 124).

A evolução dos mundos é vista de acordo com as condições que os mesmos devem favorecer para o desenvolvimento das almas que ali deverão habitar e promoverem, também, a sua evolução, Kardec classifica os mundos em:

**Mundos primitivos**, destinados às primeiras encarnações da alma humana; **mundos de expiação e provas**, onde predomina o mal; **mundos de regeneração**, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; **mundos ditosos**, onde o bem sobrepuja o mal; **mundos celestes ou divinos**, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem (grifo nosso) (KARDEC, 2004, p. 85).

Vê-se que é realizada uma logística universal para comportar as transformações do princípio inteligente em direção ao estágio humano e posteriormente ao angelical.

### 2.5.1. PRINCÍPIOS NORTEADORES

Em sua visão de Universo o Espiritismo circunstancia que a organização da imensidade cósmica é instrumento favorecido ao desenvolvimento da inteligência, desde o princípio inteligente, unidade originária do espírito, passando pelo homem e indo até as Inteligências Divinas, que são as potencias angélicas da natureza. A afirmação é de que do micro ao macrocosmo tudo é encadeado em uma missão sublime de adaptar a inteligência à força suprema do cosmo, de ao longo da trajetória de evolução espiritual ser co-criadora em plano maior.

Na apresentação desse entendimento o Espiritismo traz princípios que norteiam a compreensão dos mecanismos que colaboram com a transformação progressiva do espírito.

**EVOLUÇÃO ESPIRITUAL** – Viagem empreendida pelo espírito em transformação progressiva, indo do mais simples às “mônadas celestes”, próxima do átomo no microcosmo, até as Inteligências Divinas, Espíritos Puros ou Potências Angélicas, gestores e construtores da imensidão dos impérios estelares.

**EVOLUÇÃO DOS MUNDOS** – Organização da natureza em unidades capazes de comportar condições ideais de habitabilidade para os seres em evolução, fazendo-se a previsão dos padrões de coletividades conforme o grau de adiantamento dos espíritos que aí deverão residir. A gradação dos mundos tem previsão para atender os espíritos mais próximos da materialidade e indo até aqueles que já se despojaram de todo e qualquer vínculo de dependência da matéria grosseira, que têm domínio absoluto sobre a mesma.

**REENCARNAÇÃO** – Período em que o espírito, para evoluir, necessita de interação com a matéria grosseira. Nesta interação o mesmo organiza a matéria organizando a si mesmo, se qualificando para as tarefas da imensidade do universo. Como a matéria não tem capacidade infinita de organização, pois que após um período entra em



exaustão, o espírito em evolução vê-se obrigado a deixá-la, voltando posteriormente a interagir com a mesma. Mergulhar na matéria grosseira e libertar-se dela, o espírito faz milhares e milhares de vezes, até que não mais dependa dela para progredir.

**INTERCOMUNICAÇÃO** – Desde o início de sua trajetória evolutiva constitui aprendizado de interação com os outros seres inteligentes, para que com o intercâmbio de pensamentos e contribuição de aprendizados possam sempre estar em sintonia com o desenvolvimento coletivo. Através deste mecanismo interage com os seres grandiosos, as Inteligências Divinas, tutores de seu aprendizado evolutivo. Aprende a auxiliar, e daí se torna tutor dos que estão ao lado de seu estágio evolutivo ou dos que, relativamente, estão ainda, antes do seu estágio atual. Por este mecanismo se adéqua aos princípios de solidariedade universal.

**EDUCAÇÃO** – Processo pelo qual os espíritos engajados no princípio de solidariedade universal contribuem com o aprendizado daqueles que estão na trajetória evolutiva, contribuindo com a **Instrução** para que o espírito desenvolva a sua capacidade de compreender o universo e o **Amor** para que desenvolva a sua capacidade de se relacionar com os outros seres em evolução e com a natureza, com respeito, colaboração e proteção.

#### 2.5.2. CRITÉRIO DE APRENDIZADO

O Espiritismo considera que a humanidade é constituída pelo conjunto de seres inteligentes no estágio humano, em todo o Universo, quer estejam libertos, espíritos desencarnados, ou mergulhados no corpo físico, reencarnados. Desse modo considera que:

a) O conhecimento origina-se da vivência, experiência e da ciência desenvolvida pelo Espírito (Alma desencarnada), no mundo espiritual, e que traz a informação para o mundo físico em forma de “revelação divina”.

b) O conhecimento origina-se, também, da vivência, experiência e da ciência desenvolvida pela Alma (Espírito reencarnado), no mundo físico, e que obedece a uma metodologia.

Considera, portanto, que o conhecimento do universo, da natureza, é desenvolvido pela ciência dos espíritos e pela ciência dos homens, considera, ainda, um regime de cooperação entre as ciências espirituais e as ciências materiais.

Considerando esse entendimento, é que o Espiritismo formulou o seu arcabouço filosófico a partir da inter-relação entre os mundos físico e espiritual, tomando como base uma metodologia de investigação da fenomenologia de intercomunicação medianímica, fonte e mecanismo da interação entre os dois mundos. Portanto, submeteu as “revelações dos Espíritos” a crivo investigatório de procedimento científico, utilizando a metodologia desenvolvida por Allan Kardec, conforme informações constantes em seus livros “A Gênese” e “O Livro dos Médiuns”.

Kardec diz:

O que caracteriza a revelação espírita é que a sua origem é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos e que a sua elaboração é o resultado do trabalho do homem (KARDEC, 2003, p.15).

E, ainda que, quanto aos procedimentos da elaboração.

O Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplica o método experimental. Fatos de ordem nova se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele as observa, compara, analisa e, partindo dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois deduz as conseqüências e busca as aplicações úteis (KARDEC, 2003, p.16)

Desse modo, Kardec (KARDEC, 1998) afirma que:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, Ciência Experimental e Doutrina Filosófica.

Como Ciência prática, tem a sua essência nas relações que se podem estabelecer com os espíritos.

Como Filosofia, compreende todas as conseqüências morais decorrentes dessas relações.

Pode ser definido assim:

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal (KARDEC, 1998, p.116).

### 2.5.3. O SER EM EVOLUÇÃO

O objetivo da evolução, conforme Léon Denis, é “o aperfeiçoamento de cada um de nós, até que tenhamos desenvolvido completamente e elevado ao estado celeste”. Assim a visão do ser será sempre para o infinito, para a frente e para o alto, que não é um ser estacionário onde as conquistas do presente se encerram num intervalo entre o nascimento e a morte de um corpo biológico. A compreensão da evolução espiritual dá à Alma a percepção de que ela existe bem antes do corpo físico ser formado e que irá muito mais além, não para as conquistas da felicidade da superfície da terra, simplesmente, mas para

ser um ente responsável por si mesmo e por frações da natureza. O autor diz que “a alma persiste e permanece na sua perpetuidade, prossegue sua marcha ascendente, percorre as inumeráveis estações da sua viagem e dirige-se para um fim grande e apetecível, um fim que é a perfeição”. E completa, ainda, que “a dor, física e moral, forma a nossa experiência. A sabedoria é o prêmio” (DENIS, 2003, p. 119).

### TRAJETÓRIA DO ESPÍRITO

A Filosofia Espírita trata da escala do crescimento do ser inteligente ao longo da evolução. O Espiritismo afirma que tudo na natureza se encadeia, tem uma seqüência, no universo não existe elo perdido, todos eles são interligados desde o átomo até o arcanjo que, por sua vez, já foi átomo. Tem-se aí uma afirmação muito forte de que a origem, do ser inteligente do universo, vem da estrutura mais simples conhecida, o átomo, que este, como já foi visto, anteriormente, não é a estrutura mais simples, pelo fato de ter outras formas, outras composições, matérias que são estudadas, apresentadas pelos espíritos e que dão uma qualidade diferente na composição das esferas espirituais por ser matéria de padrão diferente da que conhecemos. A partir da origem de sua evolução, o ser inteligente é denominado de “Princípio inteligente” e a partir da escalada humana é denominado de Espírito, pois que trata-se das individualidades inteligentes que conhecem a si mesmo e a Deus. É o princípio de inteligência, que ao longo da evolução vai ser o Espírito. Afirma-se que na verdade, desde a origem ele já o é, sendo, assim, o protótipo, o início do espírito que ao longo da evolução atingirá a natureza humana e, posteriormente, será o Espírito na angelitude, mas para tal irá realizar transmigrações nas mais variadas escalas dos reinos da natureza.

Na questão 88 do Livro dos Espíritos, Kardec afirma de que o espírito tem uma forma determinada, “O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea”. Não é uma centelha solta, é uma inteligente que tenha um processo elaborado em seu seio e que vai sofrer mutações e transformações contínuas em sua organização ao longo de milhões e milhões de anos. E que é “o princípio inteligente que se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para vida. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o **princípio inteligente** sofre uma transformação e se torna **Espírito**” (grifo nosso) (KARDEC, 2006, p. 112 e 352).

A afirmação de André Luiz é de que o espírito organiza a si mesmo, que faz isso de modo inteligente e que é uma chama que irradia emitindo “partícula da corrente mental”

que “se desloca, produzindo irradiações eletromagnéticas, cuja frequência varia conforme os estados mentais do emissor”, que “nos reinos inferiores da Natureza, a corrente mental restringe-se a impulsos de sustentação nos seres de constituição primária, a começar dos minerais, preponderando nos vegetais e avançando pelo domínio dos animais de formação mais simples, para se evidenciar mais complexa nos animais superiores, que já conquistaram bases mais amplas à produção do pensamento contínuo”, de tal modo que lentamente vão promovendo “os alicerces da inteligência”. Ele destaca que “nos animais superiores os impulsos mentais a que aludimos já se responsabilizam por valioso patrimônio de percepções avançadas”. Que “no homem a corrente mental assume feição mais elevada e complexa”. Que “é pensamento contínuo, fluxo energético incessante, revestido de poder criador inimaginável”. Que “a criatura, pensando, cria sobre a Criação ou Pensamento Concreto do Criador”. Que neste estágio a “corrente mental” “vitaliza, particularmente, todos os centros da alma e, conseqüentemente, todos os núcleos endócrinos e juntas plexiformes da usina física, em cuja urdidura dispõe o Espírito de recursos para os serviços da emissão e recepção, ou exteriorização dos próprios pensamentos e assimilação dos pensamentos alheios”. É o espírito, possuindo na sua organicidade “o pensamento por agente essencial” (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 39).

André Luiz afirma que o que fica evidenciado é que nos **reinos mineral, vegetal e animal**, “criaturas sub-humanas” os “agentes mentais”, são “empregados na manutenção de calor e magnetismo, radiação e atividade química nos processos vitais dos circuitos orgânicos”; enquanto que no **ser humano** “o espírito encontra no cérebro o gabinete de comando das **energias que o servem**, como aparelho **de expressão dos seus sentimentos e pensamentos**. E, que “a **partícula de pensamento**, embora viva e poderosa na composição em que se derrama do espírito que a produz, **é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá forma e natureza para o bem ou para o mal** (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 69, 72, 99).

#### INCORPORANDO A ORGANIZAÇÃO BIOLÓGICA

Para André Luiz, o princípio inteligente que vai se organizando lentamente ao longo de milhões e milhões de anos, ao presidir essa arrumação, incorpora na sua estrutura espiritual os elementos essenciais da organização da composição biológica e compreendendo que “o **princípio inteligente**, em suas primeiras manifestações...” são “as **mônadas celestes**” (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 33), identificaremos que:

- a) “A mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão”.
- b) O “princípio espiritual” “Viajando sempre, adquire entre os dromatérios e anfitérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência” (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 35-36).
- c) “Sob a orientação das Inteligências Sublimes, **cada sentido se instala** em organização especial, formada de vários aparelhos e implementos.
- d) Também o cérebro integral se organiza em lóbos diversos, com vasta margem de recursos para o futuro, quando a alma então nascente, em atividade instintiva na construção de seu próprio veículo, **se erigirá em consciência desperta** com capacidade de utilizar as vantagens potenciais que a Divina Sabedoria lhe oferta” (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 70-71).
- e) É “Compreensível salientar que o princípio inteligente, no decurso dos evos, **plasmou em seu próprio veículo de exteriorização** as conquistas que lhe alicerçariam o crescimento para maiores afirmações nos horizontes evolutivos”.
- f) E que “**Dominando as células vivas, de natureza física e espiritual**, como que empalmando-as a seu próprio serviço, de modo a senhorear possibilidades mais amplas de expansão e progresso, sofre no plano terrestre e no plano extraterrestre as profundas experiências que lhe facultarão, no bojo do tempo, o **automatismo fisiológico**, pelo qual, sem qualquer obstáculo, executa todos os atos primários de manutenção, preservação e renovação da própria vida” (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 39).
- g) Os espíritos “quando não se fazem aproveitados na Espiritualidade, em serviço ao qual se filiam durante certa quota de tempo, caem, quase sempre de imediato à morte do corpo carnal, em pesada letargia, semelhante à hibernação, acabando automaticamente atraídos para o campo genésico das famílias a que se ajustam, **retomando o organismo** com que se confiarão a nova etapa de experiência, **com os ascendentes do automatismo e do instinto que já se lhes fixaram no**

ser, e sofrendo, naturalmente, o preço hipotecável aos valores decisivos da evolução”.

- h) “Através desse movimento incessante da palingenesia universal o princípio inteligente **incorpora a experiência** que lhe é necessária, **estagiando no plano físico e no plano extrafísico**, recolhendo, como é justo, a orientação e o influxo das Inteligências Superiores em sua marcha laboriosa para mais elevadas aquisições” (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 88).
- i) “O princípio inteligente, que exercitara a projeção de impulsos mentais fragmentários para nutrir-se durante largas eras, alçado ao Plano Espiritual, na condição de consciência humana desencarnada, começa a plasmar novos meios de exteriorização, em favor do Sustento próprio”.
- j) “Habitado aos fenômenos do anabolismo, na incorporação dos elementos de que se nutre, e do catabolismo, na desassimilação respectiva, **automatiza-se-lhe a existência**, em metamorfose contínua das forças que lhe alcançam a máquina fisiológica, através dos alimentos necessários à restauração constante das células e ao equilíbrio dos reguladores orgânicos” (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 103).

No estágio humano, diz o Espiritismo, o espírito passa a conhecer a si mesmo e a Deus, e que, a partir daí, começa a evolução moral associada aos processos de evolução já conquistados e aos que irá conquistar daí para frente.

## EVOLUÇÃO E COOPERAÇÃO

André Luiz diz que ao longo de sua evolução o princípio inteligente participa de uma cadeia de cooperação favorecida pela natureza, é assim que:

Com o transcurso dos evos, surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar, a serviço do princípio inteligente em estágio mais nobre nos animais superiores e nas criaturas humanas, renovando-se continuamente no corpo físico e no corpo espiritual, em modulações vibratórias diversas conforme a situação da inteligência que as senhoreia, depois do berço ou depois do túmulo (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 43).

Desse modo, compreende-se que as células são

animálculos infinitesimais, que se revelam domesticados e ordeiros na colmeia orgânica, assumem formas diferentes, segundo a posição dos indivíduos e a natureza dos tecidos em que se agrupam, obedecendo ao pensamento simples ou complexo que lhes comanda a existência (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 43).

### Nesse regime de cooperação

com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 53).

### Diante do governo mental do princípio inteligente em estágio mais nobre

a reunião das células compõe tecidos, assim como a associação dos tecidos esculpe os órgãos, partes constituintes do organismo que passa a funcionar, como um todo indivisível em sua integridade (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 45).

### É assim que procurando suprir a vida

observamos a chegada dos princípios inteligentes no mundo e a sua respectiva expansão, assim como um exército que, para atender às próprias necessidades, organiza, de início, a precisa cobertura de suprimentos. Primeiro, as bactérias lavrando o solo para que as **plantas** proliferassem, criando atmosfera adequada ao reino animal. Depois das plantas, aparecem os **animais**, gerando recursos orgânicos para que o instinto pudesse expandir-se no rumo da inteligência. E, em seguida ao animal, surge o **homem**, plasmando os valores definitivos da inteligência, para que a Humanidade se concretize a caminho da **angélitude** (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 45).

### Progressivamente

em todos os reinos da Natureza, o elemento espiritual aprende a nutrir-se e preservar-se (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 45).

### Após um trabalho paciente de séculos, quando alcança a

civilização elementar do paleolítico, a mente humana controla então, quase que plenamente, o corpo que se exprime, formado sob a tutela e o auxílio incessante dos Construtores Espirituais (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 63).

### Assim o princípio inteligente promove o acúmulo de energia espiritual

pôr intermédio dos mitocôndrios, que podem ser considerados acumulações de energia espiritual, em forma de grânulos, assegurando a atividade celular, a mente transmite ao carro físico a que se ajusta, durante a encarnação, todos os seus estados felizes ou infelizes, equilibrando ou conturbando o ciclo de causa e efeito das forças por ela própria libertadas nos processos endotérmicos, mantenedores da biossíntese (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 64).

### No domínio da governança do Espírito o metabolismo subordina-se a sua direção espiritual

tanto mais intensa e exatamente, quanto maior a quota de responsabilidade do ser pelo conhecimento e discernimento de que disponha, e, em plena floração da inteligência, podemos identificá-lo não apenas no embate das forças orgânicas, mas também no domínio da alma, porquanto raciocínio organizado é pensamento dinâmico e, com o pensamento consciente e vivo, o homem arrojado de si mesmo forças criadoras e renovadoras, forjando, desse modo, na matéria, no espaço e no tempo, os meandros de seu próprio destino (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 65).

### Para expressão da mente do princípio inteligente

no regaço do tempo, os Arquitetos Divinos auxiliam a consciência fragmentária na construção do cérebro, o maravilhoso ninho da mente, necessitada de mais ampla (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 67).

Assim,

o espírito encontra no cérebro o gabinete de comando das energias que o servem, como aparelho de expressão dos seus sentimentos e pensamentos, com os quais, no regime de responsabilidade e de auto-escolha, plasmará, no espaço e no tempo, o seu próprio caminho de ascensão para Deus (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 72).

E com a conquista da palavra incessante e fácil

a energia mental do homem primitivo encontra insopitável desenvolvimento, por adquirir gradativamente a mobilidade e a elasticidade imprescindíveis à expansão do pensamento que, então paulatinamente, se dilata, **estabelecendo no mundo tribal todo um oceano de energia sutil, em que as consciências encarnadas e desencarnadas se refletem, sem dificuldade, umas às outras** (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 75).

Então,

valendo-se dessa **instituição de permuta constante**, as Inteligências Divinas dosam os recursos da influência e da sugestão e convidam o Espírito terrestre ao justo despertamento na responsabilidade com que lhe cabe conduzir a própria jornada...

Pela compreensão progressiva entre as criaturas, por intermédio da palavra que assegura o pronto intercâmbio, **fundamenta-se no cérebro o pensamento contínuo** e, por semelhante maravilha da alma, as idéias-relâmpagos ou as idéias-fragmentos da crisálida de consciência, no reino animal, se transformam em conceitos e inquirições, **traduzindo desejos e idéias de alentada substância íntima** (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 76).

Em decorrência desse desenvolvimento mental é levado a “meditação compulsória, ante os problemas da própria vida”,

passando a exteriorizar, inconscientemente, as próprias idéias e, com isso, a desprender-se do carro denso de carne, desligando as células de seu corpo espiritual das células físicas, durante o sono comum, **para receber**, em atitude passiva ou de curta movimentação, junto do próprio corpo adormecido, **a visita dos Benfeitores Espirituais que o instruem sobre as questões morais** (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 75).

Vê-se na Filosofia Espírita que o princípio inteligente no seu desenvolvimento em direção ao estado de Espírito Puro conta com a possibilidade de cooperação dele para com e entre os iguais e com a instrução dos Espíritos que já adquiriram os estágios mais avançados da gradação evolutiva.

Léon Denis, filósofo espírita, diz que “tudo é graduado na vida espiritual. A cada grau de evolução do ser para a sabedoria, para a luz, para a santidade, corresponde um estado mais perfeito de seus sentidos receptivos, de seus meios de percepção. O corpo



fluídico, cada vez mais diáfano, mais transparente, deixa passagem livre às radiações da alma. Daí uma aptidão maior para apreciar, para compreender os esplendores infinitos; daí uma recordação mais extensa do passado, uma familiarização cada vez maior com os seres e as coisas dos planos superiores, até que a alma, em sua marcha progressiva, tenha atingido as máximas altitudes”.

“Chegado a essas alturas, o Espírito tem vencido toda paixão, toda tendência para o mal, tem-se libertado para sempre do jugo material e da lei dos renascimentos, é a entrada definitiva nos reinos divinos, donde só voluntariamente descerá ao círculo das gerações para desempenhar missões sublimes”.

“Nessas eminências, a existência é uma festa perene da inteligência e do coração; é a comunhão íntima no amor com todos aqueles que nos foram caros e conosco percorreram o ciclo das transmigrações e das provas. Ajuntai a isso a visão constante da eterna beleza, uma profunda compreensão dos mistérios e das leis do universo, e tereis uma fraca idéia das alegrias reservadas a todos aqueles que, por seus méritos e esforços, alcançaram os céus superiores” (DENIS, 2003, P. 162).

#### 2.5.4. EVOLUÇÃO DOS MUNDOS

O Universo compreende a infinidade dos mundos que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como os fluidos que o preenchem (KARDEC, 2006, P. 87).

Para o Espiritismo o Universo é produto das Inteligências Divinas agregadas ao Senhor Supremo que a partir do “plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio”, onde “nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano” extraem “desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade”, e que “essas Inteligências Goriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, radiantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas, obedecendo a leis predeterminadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam” André Luiz ainda afirma que os

IMPÉRIOS ESTELARES — Devido à atuação desses Arquitetos Maiores, **surgem nas galáxias as organizações estelares** como vastos continentes do Universo em evolução e as **nebulosas intragaláticas** como imensos domínios do Universo, encerrando a evolução em estado potencial, todas gravitando ao redor de pontos atrativos, com admirável uniformidade coordenadora.

Que são formações que se estruturam para campo ao progresso do Espírito

cada galáxia quanto cada constelação guardam no cerne a força centrífuga própria, controlando a força gravítica, com determinado teor energético, apropriado a certos fins.

A Engenharia Celeste equilibra rotação e massa, harmonizando energia e movimento, e **mantêm-se**, desse modo, na vastidão sideral, **magníficas florestas de estrelas**, cada qual transportando consigo os **planetas constituídos e em formação**, que se lhes vinculam magneticamente ao fulcro central, como os eletrões se conjugam ao núcleo atômico, em trajetos perfeitamente ordenados na órbita que se lhes assinala de início (grifo nosso).

Diz, ainda, que

toda essa riqueza de plasmagem, nas linhas da Criação, ergue-se à base de corpúsculos sob irradiações da mente.

Que “sob a orientação das Inteligências Superiores”

congregam-se os átomos em colmeias imensas, e, sob a pressão, espiritualmente dirigida, de ondas eletromagnéticas, são controladamente reduzidas as áreas espaciais intra-atômicas, sem perda de movimento, para que se transformem na massa nuclear adensada, de que se esculpem os planetas, em cujo seio as mônadas celestes encontrarão adequado berço ao desenvolvimento.

E que estes “mundos servem à finalidade a que se destinam, por longas eras consagradas à evolução do Espírito, até que, pela sobrepressão sistemática, sofram o colapso atômico pelo qual se transmutam em astros cadaverizados” (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 21 - 23).

Os mundos são organizados, segundo o Espiritismo, para comportar a evolução do espírito que

nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual (KARDEC, 2004, p. 84).

Um mundo é elaborado com uma composição de maneira a atender a natureza e estágio evolutivo do espírito que irá habitar. Se o espírito está mais próximo do princípio de sua evolução o mundo constituído é mais grosseiro e se está mais próximo do fim da trajetória do ciclo de aprendizado nas reencarnações o mundo a ser constituído será de matéria diáfana. Pelo que se nos apresenta é possível que haja, conforme o espiritismo, uma infinidade de mundos contendo características as mais diversas, mundos visíveis e invisíveis, radiantes ou obscuros e de matéria gaseificadas ou sólidas. Assim, o Espiritismo classifica os mundos de maneira didática em: mundos primitivos, mundos de expiações e provas, mundos regeneradores, mundos ditosos e mundos celestes. Os quatro primeiros tipos de mundos são preparados para receber espíritos que estão no processo evolutivo que

necessitam, ainda, reencarnar. O quinto e último tipo são descritos como mundos criados para receber apenas os espíritos que não mais precisam reencarnar, pois que já alcançaram o estágio de espíritos puros, aqueles descrito no Espiritismo como seres grandiosos, que são denominados de Anjos, Devas por correntes religiosas diversas.

Os espíritos puros, que são os Arquitetos Maiores, a partir de corpúsculos sob irradiações da mente promovem pressão, espiritualmente dirigida, de ondas eletromagnéticas sobre as imensas colméias de átomos com a finalidade de plasmar os planetas que serão as habitações dos espíritos. Estágios infinitos de Evolução, características infinitas das habitações. Sucessão de mundos para comportar a evolução do ser do átomo ao arcanjo, que por sua vez foi átomo.

Pelo que se pode depreender o Universo é trabalhado por inteligências, em todos os graus de evolução, e, se destina ao desenvolvimento das mesmas.

#### 2.5.5. REENCARNAÇÃO

##### **OBJETIVO DA ENCARNAÇÃO**

##### **132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?**

“Deus lhes impõe a encarnação **com o fim** de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, *têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal*: nisso é que está a expiação. **Visa ainda outro fim** a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. **É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta**”.

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza (KARDEC, 2006, p. 133) (grifo nosso).

Vê-se que no Espiritismo o entendimento quanto a existência e necessidade da encarnação se faz com duas finalidades, uma está associada à educação do Ser a medida que evolui para o mesmo alcançar a perfeição, a outra, está associada a habilidades adquiridas e em aquisição, no processo de contribuição da transformação da natureza, como já foi dito em co-criação, inicialmente em Plano Menor e posteriormente quando liberto das encarnações, já na condição de Espírito Puro, em Plano Maior. Pelo que se tem até agora, a concepção Espírita coloca que à medida que os Espíritos vão sendo criados participam da criação da natureza, em regime de cooperação.

Todos os seres são criados simples e ignorantes e a todos eles são dadas as mesmas oportunidades de desenvolvimento, lhes são fornecidos os mesmos instrumentos de evolução.

O princípio adotado, pelo que se pode depreender, é o de que em não alcançando a perfeição numa existência o espírito sofre “prova de uma nova existência”, pois “necessita da prova da vida corporal” em “muitas existências corporais” para cumprir a finalidade da reencarnação que é “expição e melhoramento progressivo da Humanidade”. O número de existências corporais é limitado, pois que “a cada nova existência o Espírito dá um passo na estrada do progresso. Quando se despojar de todas as impurezas, não mais necessitará das provas da vida corporal.” Admite-se aí que o “Espírito depois da sua última encarnação” se transforma “em Espírito bem-aventurado; em Espírito puro”.

“As diversas existências corporais não se realizam todas na terra” são vividas em “diferentes mundos”. As existências corporais vivenciadas na “Terra não são as primeiras, nem as últimas, embora sejam das mais materiais e das mais distantes da perfeição.” “Pode reviver muitas vezes no mesmo globo, se não avançou bastante para passar a um mundo superior”. Que “é possível que tenhas vivido em outros mundos e na Terra” e “se não progredistes, podereis ir para outro mundo que não seja melhor e que pode até ser pior” (KARDEC, 2006, p. 153 - 157).

#### 2.5.6. INTERCOMUNICAÇÃO

A capacidade de intercâmbio mental, através do “pensamento contínuo”, inicia-se na escalada evolutiva humana, diz André Luiz, em que,

com o exercício incessante e fácil da palavra, a energia mental do homem primitivo encontra insopitável desenvolvimento, por adquirir gradativamente a mobilidade e a elasticidade imprescindíveis à expansão do pensamento que, então paulatinamente, se dilata, estabelecendo no mundo tribal todo **um oceano de energia sutil**, em que as consciências encarnadas e desencarnadas **se refletem**, sem dificuldade, umas às outras (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 75).

Promove o ser a expansão do pensamento produzindo um oceano de energia sutil em que encarnados e desencarnados, através de suas consciências, se refletem. É a capacidade de intercomunicação se estabelecendo em que: as inteligências superiores instruem e orientam; e, os iguais se nutrem de pensamentos uns dos outros. É a mente produzindo corrente mento-eletromagnética, “corrente de partículas mentais”, ainda diz André Luiz que:

exterioriza-se de cada Espírito com qualidade de indução mental, tanto maior quanto mais amplos se lhe evidenciem as faculdades de concentração e o teor de persistência no rumo dos objetivos que demande (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 47).

Considerando a indução eletromagnética proveniente da energia elétrica, de modo idêntico

a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize.

E, deve ser levado em conta que

tanto na eletricidade quanto no mentalismo, o fenômeno obedece à conjugação de ondas, enquanto perdure a sustentação do fluxo energético.

Pois que

emitindo uma idéia, passamos a refletir as que se lhe assemelham, idéia essa que para logo se corporifica, com intensidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la, mantendo-nos, assim, espontaneamente em comunicação com todos os que nos esposem o modo de sentir.

Assim,

é nessa projeção de forças, a determinarem o compulsório intercâmbio com todas as mentes encarnadas ou desencarnadas, que se nos movimenta o Espírito no mundo das formas-pensamentos, construções substanciais na esfera da alma, que nos liberam o passo ou no-lo escravizam, na pauta do bem ou do mal de nossa escolha.

Portanto é

para simples efeito de estudo da transmissão de força mediúnica, em que a matéria mental é substância básica, lembremo-nos de que a chamada força eletromotriz nasce do agente que a produz em circuito fechado.

Desse modo

idealizemos o fluxo de energias mento-eletromagnéticas, ou fulcro de ondas da entidade comunicante e do médium, como dois campos distintos, associando valores positivos e negativos, respectivamente, com uma diferença de potencial que, em nosso caso, constitui certa capacidade de junção específica.

Sendo

estabelecido um fio condutor de um para o outro que, em nosso problema, representa o pensamento de aceitação ou adesão do médium, à corrente mental desse ou daquele teor se improvisa em regime de ação e reação, atingindo-se o necessário equilíbrio entre ambos, anulando-se, desde então, a diferença existente, pela integração das forças conjuntas em clima de afinidade.

Porém,

se quisermos sustentar o continuísmo de semelhante conjugação, é imprescindível conservar entre os dois um gerador de força, que, na questão em análise, é o pensamento constante de aceitação ou adesão da personalidade mediúnica, através do qual se evidencie, incessante, o fluxo de

energias conjugadas entre um e outro, porquanto a corrente de forças mentais, destinada à produção desse ou daquele fenômeno ou serviço, circulará no condutor mediúnico em razão do campo de energias mento-eletromagnéticas existente entre a entidade comunicante e a individualidade do médium.

E considerando que

existe capacidade de afinização entre um Espírito e outro, quando a ação de plasmagem e projeção da matéria mental na entidade comunicante for, mais ou menos, igual à ação de receptividade e expressão na personalidade mediúnica.

Compreendendo quanto à aplicação,

temos igualmente variados mananciais de força mediúnica, mediante a permuta harmoniosa, consciente ou inconsciente, dos princípios ou correntes mentais, sendo possível observá-los, em nosso caminho, alimentando grandes iniciativas de socorro às necessidades humanas e de expansão cultural.

A capacidade mental do ser em

associações mediúnicas de vária espécie se multiplicam nos quadros morais do mundo, nutrindo as instituições maiores e menores da Religião e da Ciência, da Filosofia e da Educação, da Arte e do Trabalho, do Consolo e da Caridade, impulsionando a evolução da espiritualidade no plano físico.

E devemos realçar que

em analogia de circunstâncias, assinalamos, em todos os lugares, os mananciais de força mediúnica, **a se expressarem por mais fraco teor nos processos não ostensivos de ação**, do ponto de vista da evidência pública, pelos quais servidores abnegados do bem conseguem a restauração moral desse ou daquele companheiro rebelde, a cura de certo número de almas doentes, a repetição de avisos edificantes, a assistência especializada a múltiplos tipos de sofrimento, ou a condução enobrecedora do grupo familiar a que se devotam.

Segundo o Espiritismo, é aplicado

o conceito de circuito mediúnico à extensão do campo de integração magnética em que circula uma corrente mental, sempre que se mantenha a **sintonia psíquica** entre os seus extremos ou, mais propriamente, o emissor e o receptor (grifo nosso).

Sendo que

o circuito mediúnico, dessa maneira, expressa uma “vontade-apelo” e uma “vontade-resposta”, respectivamente, no trajeto ida e volta, definindo o comando da entidade comunicante e a concordância do médium, fenômeno esse exatamente aplicável tanto à esfera dos Espíritos desencarnados, quanto à dos Espíritos encarnados, porquanto exprime conjugação natural ou provocada nos domínios da inteligência, totalizando os serviços de associação, assimilação, transformação e transmissão da energia mental.

O que fica bem caracterizado é que

a corrente mental no circuito mediúnico equilibra-se igualmente entre a entidade comunicante e o médium, mas, para que se lhe alimente o fluxo

energético em circulação, é indispensável que o pensamento constante de aceitação ou adesão do médium se mostre em equilíbrio ou, mais exatamente, é preciso que o circuito mediúnico permaneça fechado, porque em regime de circuito aberto ou desatenção a corrente de associação mental não se articula.

(XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 47 - 56)

O ser humano, pelo que apresenta o Espiritismo, é dotado de uma estrutura mental capaz de pensar, emitir e receber pensamentos em regime de simples intuição ou inspiração, nos pequenos ou nos grandes empreendimentos do ser humano, ou em regime de influência ostensiva de um espírito sobre o outro, numa relação de ódio ou de amor, nos processos obsessivos ou nos processos de contribuição e ensinamentos originários de espíritos superiores.

O fenômeno de intercomunicação entre Espíritos encarnados e desencarnados, denominado no Espiritismo de fenômeno mediúnico ocorre, portanto, onde exista um ser humano. Associações mediúnicas de elevado valor contam necessariamente com propósitos superiores, com ações no bem, promovendo esclarecimentos e oportunidades de transformação moral.

## 2.6. INTELIGÊNCIA SUPREMA

*Que é Deus?*

“Deus é a **inteligência suprema, causa primária** de todas as coisas”

(KARDEC, 2006, p. 71) (grifo nosso).

O Espiritismo nos traz o entendimento de que o Senhor Supremo não se trata de uma pessoa ou de uma coisa, mas sim, de uma inteligência que é origem e causa de todas as coisas.

Interpretaremos o **Universo como um todo de forças dinâmicas, expressando o Pensamento do Criador** (grifo nosso) (XAVIER, VIEIRA, 2000, p. 43).

A partir da utilização do Plasma Divino, em regime de Co-criação, as Inteligentes Divinas agregadas ao Senhor Supremo organizam as mais variadas expressões constantes do Universo expressando o Pensamento do Criador.

O regime de cooperação infinita entre o Criador e a Criatura se faz em todos os estágios da evolução da criatura. A inteligência Suprema está presente do microcosmo ao macrocosmo, desde um único átomo presente em nossa organização até as bilhões de galáxias.

Onde existe um ser criado existe aí uma obra conjunta. Os elementos utilizados onde se operam as modificações na natureza são de origem do Plasma Divino, que sofre infinitas transformações sob a ação mento-eletromagnética do pensamento.

O Universo é expressão do Pensamento do Criador. Portanto o ser em evolução onde quer que esteja estará mergulhado na força nervosa do Todo-Sábio.

A partir desse elemento primordial o Espírito organiza a matéria mental que lhe é própria.

O Espírito com o seu modo de pensar escolhe se vai estar em sintonia com o co-autor de sua inteligência, através do respeito e prática das leis da natureza, ou se vai exercer a tentativa de quebrar a co-autoria. No primeiro caso utiliza todo o potencial da energia do Universo. No segundo caso cria um colapso parcial na absorção da energia do co-autor. Em um brilha, faz-se a luz. Em outro o brilho é reduzido, faz-se a sombra.

Galáxias, nebulosas, estrelas, planetas, os corpos do Espírito, os componentes ínfimos da organização biológica e da matéria são expressões do pensamento de seres inteligentes em graus infinitos.



---

**CAPÍTULO III**  
**DISCUSSÃO**

---

### 3. DISCUSSÃO

A Natureza do Ser vem sendo discutida ao longo dos séculos, a questão que permeia é quanto a sua constituição. Matéria e espírito são os elementos que têm sido utilizados para explicar. Como os questionamentos em torno do tema foram analisados, e, quais os caminhos percorridos para chegar à crença nas conclusões.

Duas idéias norteiam a discussão a de que a alma seria distinta do corpo, sendo um ser dual, dualismo, e a de que a mente é produto do corpo, do funcionamento do cérebro, sendo um ser unitário, monismo (TEIXEIRA, 1994).

Como se deveria alcançar este conhecimento? Qual o meio a ser utilizado de modo seguro? Dois caminhos foram desenhados: os que utilizaram metodologias fundamentadas no empirismo que valoriza o conhecimento a partir da experiência do mundo tomada pela impressão dos sentidos e os que se fundamentaram no racionalismo que valoriza o mundo das idéias existentes no mundo interior conduzidas pela razão (SILVEIRA, 2002).

A busca de explicações tem sido percorrida pela filosofia, pela ciência e pela religião que por métodos diferentes procuram entender e explicar as razões de determinados fenômenos que se apresentam na natureza.

Russell (RUSSELL, 2005) diz que “quando tivermos compreendido os obstáculos na direção de uma resposta clara e segura, estaremos bem encaminhados no estudo da filosofia”, que na “organização sistemática, embora a *possibilidade* do erro permaneça, sua probabilidade diminui mediante as relações recíprocas das partes e mediante o exame crítico que precedeu sua aceitação”. Russell, ainda, acrescenta que “a maioria dos filósofos acreditam, com razão ou não, que a filosofia...pode nos dar conhecimento, não acessível de outro modo, sobre o universo como um todo e sobre a natureza da realidade última”, que “a filosofia, como todos os outros estudos, visa em primeiro lugar o conhecimento”, que “o conhecimento que ela tem em vista é o tipo de conhecimento que confere unidade sistemática ao corpo das ciências, bem como o que resulta de um exame crítico dos fundamentos de nossas convicções, de nossos preconceitos e de nossas crenças”, e que “mal se torna possível um conhecimento preciso naquilo que diz respeito a determinado assunto, este assunto deixa de ser chamado de filosofia, e torna-se uma ciência especial”.

Devemos realçar duas questões formuladas por Bertrand Russell, a primeira, se “tem o universo alguma unidade de plano ou de propósito, ou é um concurso fortuito de átomos?” E a segunda, se “é a consciência uma parte permanente do universo dando-nos esperança de um aumento indefinido da sabedoria, ou ela não passa de um acidente transitório num pequeno planeta no qual a vida acabará por se tornar impossível?” Dois questionamentos que nos colocam a pensar se o universo é apenas um arranjo material ou se tem uma inteligência que o planeja e que lhe dá uma unidade de plano e, qual a participação de nossas consciências no universo, somos permanentes ou transitórios.

O procedimento adotado pela ciência, como diz Popper (POPPER, 2007) é o de “traçar uma clara linha de demarcação entre Ciência e idéias metafísicas” considerando “que a primeira tarefa do conhecimento é a de elaborar um *conceito de ciência empírica*, de maneira a tornar tão definida quanto possível uma terminologia até agora algo incerta” e que “O sistema que se denomina “ciência empírica” pretende representar apenas *um* mundo: o “mundo real”, ou o “mundo de nossa experiência”, que o sistema teórico da ciência empírica dever ser sintético, não metafísico e deve ser diferente, o único representativo de nosso mundo de experiências. Vê com clareza a distinção de procedimentos entre o adotado pelo filósofo e pelo cientista.

Quando Durkheim (DURKHEIM, 1996) conceitua religião como “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas” está apresentando a visão de uma ciência empírica entorno da religião, dizendo que os elementos essenciais da religião são “as representações” e “as crenças”, que estas representações são representações sensíveis inerentes aquele que as sente, e que é preciso que as impressões sentidas pelos fiéis das religiões “sejam submetidas a uma elaboração análoga à que substituiu a representação sensível do mundo por uma representação científica e conceitual”.

No Idealismo Filosófico as idéias são claras quanto à natureza do ser, pois que definem que existe alma e corpo, que a alma é de natureza imaterial e que o corpo é matéria.

No entanto o entendimento expressado por Platão e Aristóteles é claro no sentido de que corpo e alma são distintos, de que o corpo biológico existe e se renova graças à presença da alma, que esta ao longo da vida consome vários corpos, que existia antes dele e que manterá a sua identidade após o cessar da vida no mesmo. Que já tinha conhecimento antes de nascer, adquirido num tempo anterior, que conhecer na atualidade é

recordar, é reminiscência. Portanto, aí encontramos a concepção da imortalidade e anterioridade da alma, e a dependência do corpo biológico da presença da alma para ter vida.

Plotino, no Neoplatonismo (MOORE, 2010), concebe a existência da alma, da inteligência e de Deus, todos num aspecto de que o universo é constituído de um único elemento, já Descartes (DESCARTES, 2001) afirma que há a mente e o corpo, que a mente que é uma coisa que pensa pode existir para além da extensão do seu corpo, considerando, assim, que é uma substância distinta do corpo. Apesar de afirmar que é uma substância cuja essência é o pensamento diz que a mente é imaterial, enquanto o corpo é matéria. Que uma substância interfere na outra produzindo eventos físicos ou mentais. Enquanto Voltaire (VOLTARE, 2001) concebe a existência da alma fazendo a distinção entre alma e inteligência. Alma, o que anima, o princípio de vegetação e de vida presentes nas plantas, nos animais e nos homens. Admite a alma inteligente e questiona se esta é espírito ou matéria, se existe antes de nos haver animado e se vive quando do fenômeno da morte. Questiona o que é matéria e diz que só conhecemos algumas de suas aparências e algumas de suas propriedades e que não parecem ter relação com o pensamento. Voltaire concebe que a alma é distinta do corpo e, ainda mais, que esta espera a formação do feto em até seis semanas para se acomodar na glândula pineal, ou seja, concebe que a alma preside a formação do corpo.

Kant (KANT, 2003) fez uma análise sobre a possibilidade do desenvolvimento do conhecimento tanto pelo empirismo quanto pelo racionalismo. Que o conhecimento parte da experiência, porém, com certas condições a priori. Tentou apresentar uma solução intermediária entre o empirismo e o racionalismo, denominando de transcendental “a todo o conhecimento que em geral se ocupa menos dos objetos, que do nosso modo de conhecê-los, na medida em que este deve ser possível a priori”. Apresentou opinião, fé e ciência como graus do conhecimento no que diz respeito à combinação dos fatores convicção, crença ou validade subjetiva do juízo que tem ao mesmo tempo uma validade objetiva. “A opinião é uma crença que tem consciência de ser insuficiente, tanto subjetiva como objetivamente”. A fé é uma crença subjetivamente suficiente e objetivamente insuficiente. A ciência é uma crença tanto objetivamente como subjetivamente suficiente. Sendo que “a suficiência subjetiva designa-se por convicção – para mim mesmo”, e, “a suficiência objetiva, por certeza – para todos”. Ainda desenvolve a preocupação quanto ao êxito da

aquisição do conhecimento diante da aplicação de uma metodologia apropriada, que após exaustivos preparativos e prévias disposições cai em dificuldade para atingir a meta e ainda não alcançou unanimidade entre os colaboradores, tem-se a certeza de estar longe do caminho seguro da ciência. Que se devem tentar caminhos diferentes até que se saiba realizar, de modo comum, o trabalho de elaboração dos conhecimentos. Acrescenta que a metafísica ainda não alcançou o caminho seguro da ciência. Na atualidade chega-se a uma linha de demarcação para estabelecer o que não é ciência, basta que o objeto não seja metafísico. Ele é dualista por considerar a existência da alma e sua junção com o corpo, mesmo considerando ser impossível de se realizar uma demonstração empírica dos mecanismos de junção da alma com a matéria.

No entanto Triviños (TRIVIÑOS, 1987) no Materialismo Filosófico afirma que a matéria física é a única realidade fundamental, que não existe o espírito, nem tampouco alma, que a consciência é fruto da funcionalidade do cérebro, ou seja, de uma organização especial da matéria e resultante de uma evolução puramente material. É uma doutrina filosófica que se opõe aos princípios adotados pelo Idealismo Filosófico. Procura atualizar os seus conceitos a partir do desenvolvimento que a ciência efetivamente tem conquistado. Pelo que se depreende, nega a existência de vida para a consciência, antes da formação do corpo e após a sua morte. A vida começa na formação do corpo e termina com a morte do mesmo.

Kardec (KARDEC, 2006) apresenta no Espiritismo que o Universo é desenvolvido a partir de uma substância primitiva, no sentido de originária, em que todas as suas transformações e composições têm origem nesta substância. Coloca espírito e matéria como estados distintos desta substância, sendo que o princípio inteligente está na fase de exercício do seu desenvolvimento psíquico e aprendendo ao longo de bilhões de anos a exercer o domínio sobre o outro elemento básico da natureza, a matéria. Afirma, ainda, que existe uma gradação de tipos de matéria, pois que a substância primitiva permite infinitas combinações e organizações, que está no estado de corporificação, como o que conhecemos, e que está em estados outros não conhecidos na superfície da Terra. A matéria nestas gradações compõe os corpos físicos e espirituais do Espírito em evolução, do mais simples ser, nos domínios unicelulares, até nas potências angélicas que têm a capacidade de irradiar e exercer domínios sobre mundos, constelações, galáxias. Afirma que os astros que gravitam pelo Universo afora são constituídos de todas as gradações de

matéria, e que, estes são moradas para os seres inteligentes, que interagem com os mesmos colaborando com as suas transformações. Assim é que o Espírito interage sobre a matéria direta e indiretamente, integrado a ela pelos mecanismos da reencarnação e que por milhares e milhões destas interações é que o Ser Inteligente conquista a capacidade de ser cidadão do Universo, liberto da necessidade educativa das transmigrações progressivas, pois que já alcançou domínio pleno das forças interiores no intercâmbio com a natureza. Conquistou, portanto, a serenidade, a paz e a harmonia como elementos integrantes de sua condição de ser universal. Por isso o princípio inteligente em evolução, no exercício de domínio sobre a matéria e, no grande exercício de seu desenvolvimento vai promovendo lentamente a sua capacidade de comunicação e de intercâmbio com aqueles que lhes são iguais, sempre recebendo a orientação e diretriz dos que já trilharam a senda da evolução e que estão em estágios os mais diversos.

A comunicação com os espíritos é um princípio do Espiritismo. Esta se faz em primeiro plano através da capacidade de irradiar e de captar o pensamento. Este fenômeno é inerente a todos os seres inteligentes da criação. Os autores da Filosofia Espírita afirmam que o espírito processa durante aproximadamente 1,5 bilhão de anos terra a sua condição de emissão contínua do pensamento, estágio este só alcançado nos animais superiores, quando começam a ter o conhecimento de sua existência. Só na escalada humana é que começa a conhecer a si mesmo e ao Senhor supremo. Quando não mais necessita reencarnar e alcança o estado de Espírito Puro, pois está liberto das amarras da matéria, inicia a sua interação de natureza infinita com Deus, tornando-se, desse modo, Potências Divinas, são os Anjos (XAVIER, VIEIRA, 2002, p. 21).

Diante da capacidade de se comunicar com os outros, cada Espírito pode se comunicar com outro, estando no corpo físico, reencarnado, estando sem o corpo físico, apenas com o corpo espiritual, em estado de Espírito. Estas comunicações são denominadas de intercâmbio mediúnico, em que alguém portador de maior facilidade de comunicação com os Espíritos promove a intermediação entre os dois planos da vida, o espiritual e o físico, entre Espíritos e Almas. Assim o espírito promove sobre si mesmo as suas transformações ao longo dos milênios de interação matéria e espírito, é a sua evolução estrutural. Promove a organização de seus veículos de expressão, tanto o corpo espiritual quanto o corpo biológico. Quando principia o estágio humano o espírito inicia, também, a evolução moral, onde lentamente aprenderá a exercer o controle sobre si mesmo, como

condição de exercício permanente de domínio sobre as suas tendências e sobre a sua capacidade de promover a própria transformação moral. É a sua aquisição de consciência quanto a sua participação na obra do Criador, aprendendo a ser co-criador, inicialmente em plano menor e quando em estado de espírito puro, em plano maior.

O Espiritismo, como Filosofia, apresenta um Plano para o Universo, pois afirma que todo ele é inteligente e é habitado pela inteligência em todos os seus recantos, que é vivo e que está em constante transformação. Coloca o ser pensante como uma das potências da natureza, que nela está; que sobre ela age; e, que com ela contribui com a transformação de tudo, do átomo ao arcanjo que por sua vez já foi átomo. Afirma, o espiritismo, que o Espírito se origina em Deus e que para Ele retorna. E acrescenta que mesmo sendo seu objeto de estudo de natureza metafísica, se pode estudar as relações entre os espíritos, desencarnados, e as almas, reencarnadas, utilizando metodologia apropriada para as pesquisas das experiências denominadas de espíritas, onde, com rigoroso controle, se faz o intercâmbio, o aprendizado e o ensino entre os mundos. Que com base nesta metodologia a Filosofia Espírita surgiu e continua a ser desenvolvida com a efetiva participação dos Espíritos, os que habitam os mundos Espirituais (KARDEC, 2004, p. 27 - 37).

Diferente do pensamento apresentado no Idealismo Filosófico, o Espiritismo apresenta o Universo unitário quanto à sua natureza substancial, derivando em dois elementos fundamentais, a matéria e o espírito, e múltiplo quanto aos estágios infinitos desta substância. Ainda diferente do pensamento apresentado pelo Materialismo Filosófico o Espiritismo apresenta que a matéria que conhecemos é uma substância derivada, em estágio de bastante densidade e de concentração dos elementos fundamentais, seus geradores, que não é absoluta e que só existe organizada pela presença do Ser Pensante, a força inteligente da natureza, o Espírito que lhe plasma a forma e determina a existência de suas propriedades.

---

## **CONCLUSÕES**

---



## CONCLUSÕES

Diante do que foi visto na literatura pesquisada, podemos concluir que:

Não há clareza quanto à natureza da relação entre a matéria e o espírito no Idealismo Filosófico, apesar de ser admitido que além da matéria exista o espírito, o fato é que o espírito ou alma é considerado como de constituição imaterial, apesar de considerar que há influência de um sobre o outro.

No Materialismo Filosófico não existe relação entre matéria e espírito, pois este último é considerado apenas consciência, mente, um produto da matéria.

No Espiritismo matéria e espírito são estados distintos de uma mesma substância originária. A matéria influencia o espírito e que o mesmo este estaria em constante divisão, o Espírito por ser o elemento que já conquistou a inteligência exerce domínio sobre a matéria. Que matéria e espírito podem ser denominadas de matéria inerte e matéria inteligente e que por serem de mesma natureza, a matéria inteligente organiza e plasma a inerte.

---

## **REFERÊNCIAS**

---

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Traduzido por João Ferreira de Almeida. L.C.C. – Publicações eletrônicas [HTTP://www.culturabrasil.pro.br/](http://www.culturabrasil.pro.br/). Versão para eBook – eBooksBrasil.com. 2000. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/biblia.html#45>, acessado em 26.11.2010.

BUNGE, Mário. Epistemologia: curso de atualização. Tradução de Cláudio Navarra. São Paulo. T. A. Queiroz. Ed. Universidade de São Paulo. 1980.

DENIS, Léon. Depois da Morte. 10ª ed. Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira. 1977.

\_\_\_\_\_, Léon. O Problema do ser, do destino e da dor. 26ª ed. Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira. 2003.

DESCARTES, René. Obra escolhida.[Discurso do Método; Meditações; Objeções e Respostas; As paixões da Alma & Cartas]. trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr., introdução de G.-G. Granger, prefácio e notas de G. Lebrun. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

\_\_\_\_\_, René. Discurso do Método. 2001. Versão eletrônica - Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Disponível em <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/discurso.pdf>. Acessado em 25.07.2008.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. Tradução Paulo Neves. 1ª edição, 3ª tiragem. São Paulo. Martins Fontes. 1996.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlos. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo. Paulus. 1999.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. Série Ouro – Obras primas de cada autor. 2ª Edição. São Paulo. Editora Martin Claret. 2003.

KARDEC, Allan. O Que é o Espiritismo. Tradução de Wallace Leal V. Rodrigues. 25ª Edição. São Paulo. LAKE. 1998.

\_\_\_\_\_, Allan. A Gênese. Tradução de Victor Tollendal Pacheco. 21ª Edição. São Paulo. LAKE. 2003.

\_\_\_\_\_, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. 1ª Edição Especial. Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira. 2004.

\_\_\_\_\_, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Edição Especial. Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira. 2006.

MOORE, Edward. Neoplatonism. Artigo da *Internet Encyclopedia of Philosophy* : <http://www.iep.utm.edu/neoplato/>. 2010. acessado em 12.01.2011.

PLATÃO. A República. Obras primas de cada autor. São Paulo. Editora Martin Claret. 2002.

PLATÃO. Fedão. Versão eletrônica. Disponível em <http://br.egroups.com/group/acropolis/>, Tradução: Carlos Alberto Nunes, Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia), 2001, acessado em 25.07.2008.

POPPER, Karl. A lógica da pesquisa científica. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 1ª edição, 13ª reimpressão. São Paulo. Cultrix. 2007.

RUSSELL, Bertrand. Os problemas da filosofia. Florianópolis. 2005. Disponível em <http://www.cfh.ufsc.br/~conte/russell01.html>, acessado em 26/10/2009 às 11:42 h, traduzido por Jaimir Conte do original disponível em <http://www.ditext.com/russell/russell.html>.

SCHAFFER, Jonathan. Monism. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2008 Edition)*, Edward N. Zalta (ed.), URL = <http://plato.stanford.edu/archives/fall2008/entries/monism/>.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 3ª. Ed. rev. Atual.. Florianópolis; Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVEIRA, Fernando Lang da. A Teoria do Conhecimento de Kant: O Idealismo Transcendental. 2002. Disponível em <http://www.if.ufrgs.br/~lang/KANT.pdf>, Acessado em 09.12.2009.

SPADE, Paul Vincent, "Medieval Philosophy", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2010 Edition)*, Edward N. Zalta (ed.), URL = <http://plato.stanford.edu/archives/sum2010/entries/medieval-philosophy/>.

STOLJAR, Daniel, "Physicalism", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2009 Edition)*, Edward N. Zalta (ed.), URL = <http://plato.stanford.edu/archives/fall2009/entries/physicalism/>.

TEIXEIRA, João de Fernandes. O Que é Filosofia da Mente. Coleção Primeiros Passos, sob número 294. Brasília, DF. Editora Brasiliense. 1994.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 1ª edição, 5ª tiragem. São Paulo. Atlas. 1987.

VAN INWAGEN, Peter. "Metaphysics", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2010 Edition)*, Edward N. Zalta (ed.), URL = <http://plato.stanford.edu/archives/fall2010/entries/metaphysics/>.

VOLTAIRE. A Alma. Versão eletrônica. 2001. Versão eletrônica. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000071.pdf>. Acessado em 25.07.2008.

VOLTAIRE. Dicionário filosófico. 2001. Versão eletrônica. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000022.pdf>. Acessado em 25.07.2008.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Mecanismos da Mediunidade. Psicografado pelo espírito André Luiz. 19ª ed. Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira. 2000.

\_\_\_\_\_, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Evolução em dois Mundos. Psicografado pelo espírito André Luiz. 20ª ed. Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira. 2002.

XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel: dissertações sobre importantes questões que preocupam a humanidade: ciência, religião, filosofia. psicografado pelo espírito Emmanuel. 22ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.